


Meras Impressões



Antônio Corrêa Sobrinho



**“A arte faz versos. Só o coração é poeta.”
André Chénier**

DEDICATÓRIA

**Dedico estes singelos e livres versos
aos meus pais, Gilda e Felinto;
aos meus filhos, Saulo, Thomás e Thiago;
às minhas netas, Thielly, Sofia e Nicole;
aos meus irmãos, Marise, Jacira, Denise, Neide,
Paulo, Marieta, Júnior e Glorinha;
aos meus sobrinhos,
Junior, Gisele, Elton, Danilo, Stephany, Vinicius, Victor, Michele,
Giovanna, Felipe, Cassiano,
Guilherme, Wesley e Gildinha; e
aos meus sobrinhos-netos
Julia, Gabriela, Rafael, Elisa, Miguel, Joaquim, Enzo, Wallace,
Bernardo, Gustavo e Elisa.**

ANTÔNIO CORRÊA SOBRINHO

**Cheguei ao mundo numa tarde de junho,
dia de São Pedro Pescador,
mas meu nome é Antônio,
que vem do tio paterno e do santo protetor.
Sou brasileiro, nordestino, sergipano de Aracaju.
Minha mãe se chamada Gilda, meu pai, Felinto.
Sou bacharel sem anel, um simples
fiscal do trabalho.**

**Um dia criei galinhas e por anos fui professor.
“Meras Impressões” não guarda outra pretensão
senão a de dizer dos meus sentimentos,
pensamentos, representações,
para, quem sabe,
ficar aqui um pouco mais.**

APRESENTAÇÃO

**Chegam-me como uma virgem
os teus versos.**

Tímidos, verdes...

Ávidos porém de serem possuídos.

Possuí-os como a uma virgem:

Cuidadoso, compreensivo.

**Gozando, no entanto, da pureza do novo
e do prazer da escolha.**

É poesia, sim.

Uma poesia que ainda se busca.

Uma poesia que ainda procura.

Mas uma poesia que quer.

**A palavra poeta é sempre miúda
para dizer das nossas imensas dores,
para falar dos nossos múltiplos amores,
para dizer, enfim, da nossa divina loucura.**

**Precisa portanto que se subverta dela
o sentido vulgar,**

**tornando-a instrumento das nossas sensações
e dos nossos devaneios.**

É ela nosso elo único

**a unir a nossa alma sensível
aos múltiplos fenômenos da vida.**

Antônio Santos de Souza Neto

**Advogado, auditor-fiscal do trabalho e poeta
(suas poesias, no bloggersial.blogspot.com)**

ÍNDICE

POESIA I I


PROCURO POESIA NAS COISAS QUE VEJO	12
PERDI UNS VERSOS	13
O ENTARDECER	14
VIVER NÃO SE RESUME	15
RIO SE ULTIMA, O SERGIPE	16
ANDO EM TERRENO ÚMIDO	17
PERTO DAQUI	18
SOFRO MENOS, QUANDO	19
DESTINO DAS EXISTÊNCIAS	20
ÔNIBUS AMARELO ENCOSTA	21
NOS CANTOS E ABERTURAS	22
A COBRA SENTE O ASFALTO QUENTE	23
QUE LINDA MÚSICA!	24
SOMOS O BARRO	25
PRETÉRITO, PRESENTE E FUTURO	26
A CHUVA CAI SOBRE O TELHADO DA POUSADA	27
O QUE FAZ ESSA GENTE NESSE SOL ABRASADOR	28
FILHOS DAS MARGENS DA VIDA	29
A LUZ	30
TENHO ANDADO PELOS SEUS ESPAÇOS	31
O DEUS QUE IMAGINAMOS É FORTE	32
ALMAS CASTRADAS, FERIDAS, SOFRIDAS	33
NO MEU CHÃO EXISTENCIAL	34
DEVER DE VIDA	35
DORMIR É MORRER	36
A VIDA É A MAIS PESADA DAS SENTENÇAS	37
A NOITE FAZ GREVE CONTRA MIM	38
NA RUA QUE ME CRIEI	39
FALAMOS EM SILÊNCIO COM O MISTÉRIO	40
SOMOS TUDO; SOMOS NADA	41

A ESTÁTUA E SEU CRIADOR 42
O QUARTO É MEU 43
QUE VENHA A VIDA 44
QUISERA EU 45
FUGIR DOS MEUS REFLEXOS 46
LÁ VEM O LOUCO (I) MUNDO 47
VI O RIO SERGIPE PELA PRIMEIRA VEZ 48
O ROSTO É A ALMA DIZENDO 49
DOU PASSOS 50
BUSCO UMA OUTRORA ESQUECIDA LUZ 51
PERNAMBUCO É RUA 52
O BARBEIRO 53
BELEZA CURVA 54
A PARTEIRA NOSSA MÃE 55
AS PIORES NOITES EU PASSEI NA INFÂNCIA 56
GENTE SEM NADA 57
GILDA COMEÇA COM G 58
O HOMEM E O MAR 59
LANTERNAS VERMELHAS, ENFILEIRADAS, ACESAS 60
NA PROCURA DO INEXPLICÁVEL 61
O TRIO ELETRIZANTE ME ARRASTA 62
NO MEU TEMPO DE MENINO 63
CRENÇAS E DESEJOS 64
LIVRES PELA CONSCIÊNCIA 65
A LUA ME OBSERVA 66
VIAJAMOS NUM TREM CIRCULAR 67
FUI FEITO PARA SER MENOS DO QUE SOU 68
AINDA EXISTE O SORRISO 69
NOS DIAS DE CRIAR FILHOS 70
O OLHO SE ENTREGA AO ESCURO 71
POUSO NA CASA DELES 72
PRESENÇA DE DEUS QUE ME APRAZ 73
OS DIAS PASSAM E ELES GANHAM CORPO 74
MEU CORAÇÃO AGUENTA A EMOÇÃO 75
BEIJAR ARACAJU AMADA 76
AINDA ESTOU VIVO 77

MINHA PRIMA MARIA 78
ESTOU PRESO ENTRE A GRADE E A ESPERA 79
POR QUE MORAS NUM INVISÍVEL TÃO LONGE? 80
PROCURAM-TE ONDE NÃO TE ENCONTRO 81
TUDO PRA VER PELÉ 82
DESERTOS PARA TRAVESSAR 83
GOLA MEU FAVOR 84
NO JARDIM DAS DÁLIAS DA CASA DE VOVÓ 85
MINHA IRMÃ GLORINHA 86
NASCI PRA AMAR E DIZER SIM 87
COISAS QUE O TEMPO LEVOU 88
A JANELA ME CONDUZ 89
O SOM TRISTE DO APITO NOTURNO 90
MINHA FELICIDADE 91
AINDA ESTOU POR AQUI 92
AS DOENÇAS NÃO OLHARAM PRA MIM 93
NO CARROSSEL DE SEU TOBIAS 94
GOSTO DE ESTAR SÓ 95
ESPERO A CHUVA PASSAR NA BARRACA DA FEIRA 96
É DA ÁGUA A NOSSA CASA 97
É DIFÍCIL SER GENTE 98
NAS PROFUNDEZAS DA GENTE 99
VELHO CHICO 100
AUTOR DE TUDO 101
INDAGAÇÕES EM VÃO 102
A SECULAR SONHADA PONTE 103
MEU PAI FELINTO 104
REFLITO O DIA VENCIDO 105
VI MEU PAI PELA PRIMEIRA VEZ 106
UMA SENHORA, IDOSA 107
LAMPIÃO MORREU ALI 108
A ISENTA ESTRADA 109
O QUE É A RAZÃO? 110
UM DIA CRIO GALOS E GALINHAS 111
SOBRINHA STEPHANY 112
GOSTO TAMBÉM DO SERTÃO 113

MEU SOBRENOME É PACIÊNCIA 114
SOMOS ESCRAVOS DE SENHORES INVISÍVEIS 115
NÃO QUERO NADA QUE NÃO SEJA A VIDA 116
DEUS É MUITO MAIS 117
LEVEI UM BOLO DE PALMATÓRIA 118
CONVIVI COM MOSCAS, BARATAS, RATOS... 119
ERA LIXO DEMAIS NAS RUAS 120
ARIBÉ DOS MEUS PRIMEIROS ANOS 121
FOTOGRAFAR É CONTEMPLAR, É ESTAR-SE FELIZ 124
CARNE AVESSA 125
ILUSÃO 126
A LIBERDADE QUE DEUS ME DEU 127
A MORTE NOS ESPREITA 128
DEUS E O ETERNO ME INTERESSAM 129
O CÉU É SUA SINA 130
A COVID 131
ATCHIM 132
ATÉ QUANDO? 133
ESTAR AQUI 134
NÃO COMEÇO LAMPIÃO POR LAMPIÃO 135
AMIGA GOIABEIRA 137
VIRGULINO E SILVINO 139
QUE FALTA NOS FAZ 140
HOMO SAPIENS 141
ESCREVA 142
OBRA COLORIDA 141
NA PANDEMIA 142
AUGUSTO MAYNARD 144
O FIEL 145
DESPEDIR-SE DE SI MESMO 146
QUATRO VALORES 147
O SOL NA MINHA RUA 148
VENERÁVEL VELHO CHICO 149
ARACAJU DOS ANOS 30 150
FOTOGRAFAR 151
LEMBRO DO TEMPO QUE EU ME SENTIA IMORTAL 152


14 DE FEVEREIRO DE 2021 153
A PANDEMIA DIZ DO QUANTO DA GENTE 154
A PERSEVERANCE MARTERISSAR 155
SOU VIDA 156
SERGIPE E O RIO S. FRANCISCO 157
VIVER É INSISTIR EM NÃO MORRER 158
É DO SOBREVIVER QUE SOMOS ESCRAVOS 159
O QUE SOU 160
SENTIDOS 161
NÃO ME CANSO DE VER O CAMPO 162
MEU BERÇO QUERIDO 163
LIVRES PARA O BEM 164
SOU SONHO E DESEJO 165
VIDA HUMANA 166
BEM-TE-VI 167
ESTAMOS NO ESCURO 168



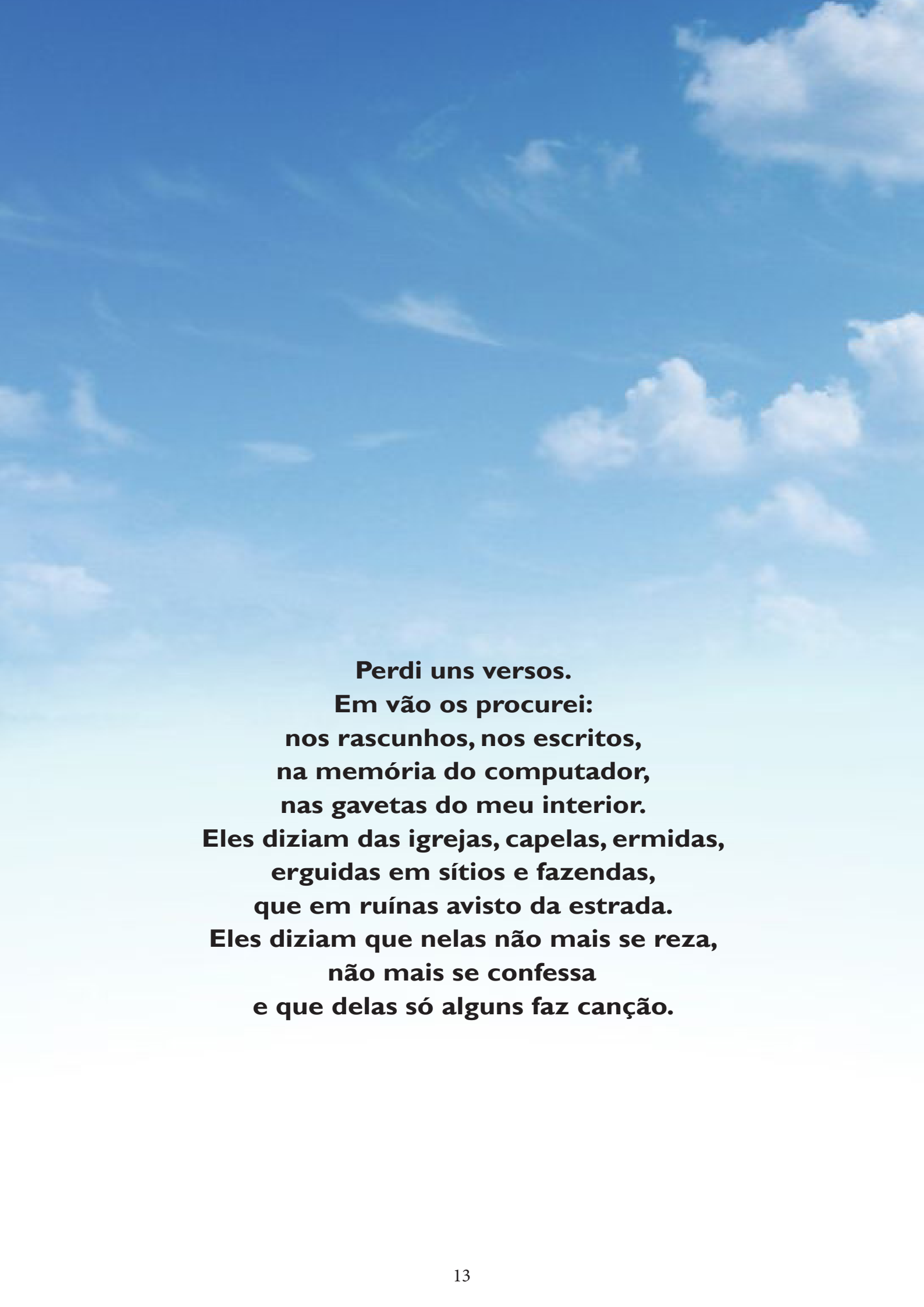
**Sinto-a,
mas não posso tocá-la;
vejo-a, mas não sei defini-la.**

A poesia.

**Dizem que diz mentiras que são verdades,
que é dos que amam e sofrem
e que nem para todos
chegará.**




**Procuro poesia nas coisas que vejo.
Agora mesmo, sob um sol pobre de fim de tarde,
numa estação de indigentes,
esperando o ônibus verde,
contemplo o ir e vir dos excluídos
e me identifico com os que se arrastam.**




**Perdi uns versos.
Em vão os procurei:
nos rascunhos, nos escritos,
na memória do computador,
nas gavetas do meu interior.
Eles diziam das igrejas, capelas, ermidas,
erguidas em sítios e fazendas,
que em ruínas avisto da estrada.
Eles diziam que nelas não mais se reza,
não mais se confessa
e que delas só alguns faz canção.**

**O entardecer traz o vermelho,
céu belo que não entendo.
A natureza foge de mim,
mas, ainda assim, o mato cheira,
dizendo que ali passou raposa.
As garças em bando
despedem-se da luz e do gado amigo.
O vaqueiro está longe.
No asfalto, deslizo perigosamente.**

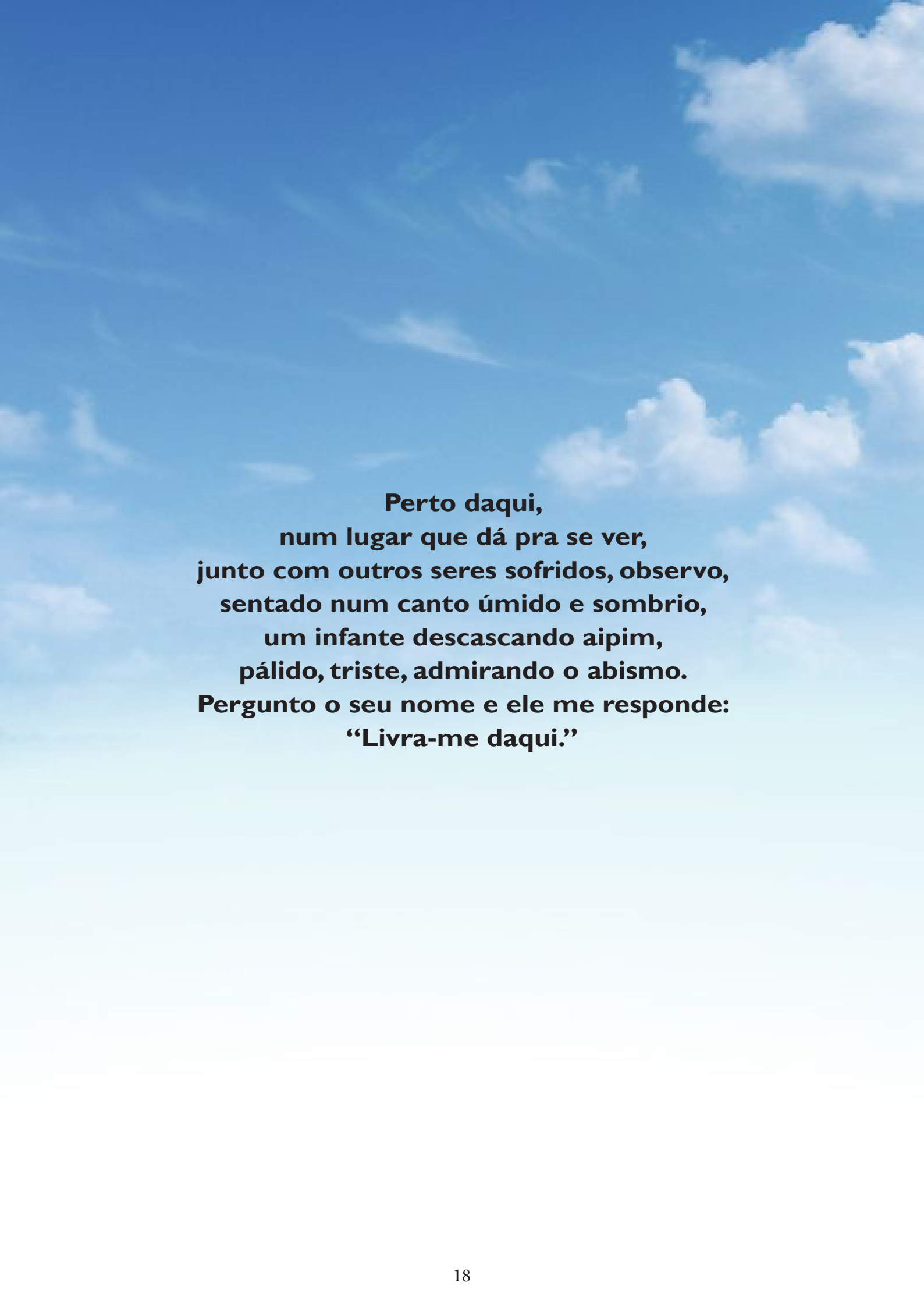


**Viver não se resume
num constante meditar e esperar a morte,
tampouco no mero prazer dos sentidos.
É necessário sonhar
impossibilidades gostosas e
construir os que chegam a você.
Ser continente, e não ilha,
é viver plenamente.**



**O rio se ultima, o Sergipe, largo, raso.
A luz do sol nascente quase sempre faz-lhe sorrir.
Ele está feliz pela missão cumprida.
Suas águas pardas, pesadas, já temperadas pelo mar, amparam
o barco
que me leva à ilha com outros encantados.
Na frente, exuberante coqueiral,
mangues, botos a saltar.
Na margem que fica, a aquarela serena do meu lar.**

**Ando em terreno úmido,
chão escorregadio, vil,
de marcas de urubus,
de ratos e de humanos.
Desenho em preto e branco
seus pés entrelaçados,
disputando espaços.
Lixeira, arranjo de labor,
últimos passos, erro,
enterro de homens,
almas em dor.
O que busco, do que fujo?
Desço mais além, com as moscas,
bactérias fétidas... não sei mais o quê.
A criança está lá,
não me espera,
não me entende.
Chego a ela, que senta.
Não sabe o que é estar ali.
Por um instante esquece o nome.
Levo dela bem mais do que esta recordação.**



**Perto daqui,
num lugar que dá pra se ver,
junto com outros seres sofridos, observo,
sentado num canto úmido e sombrio,
um infante descascando aipim,
pálido, triste, admirando o abismo.
Pergunto o seu nome e ele me responde:
“Livra-me daqui.”**

**Sofro menos, quando me vitimizo menos,
quando desejo menos,
quando exijo menos dos outros.**

**Sofro menos, quando não tenho pena de mim,
quando me preparo para o pior
esperando o melhor.**

Sofro menos, quando não desqualifico os outros.

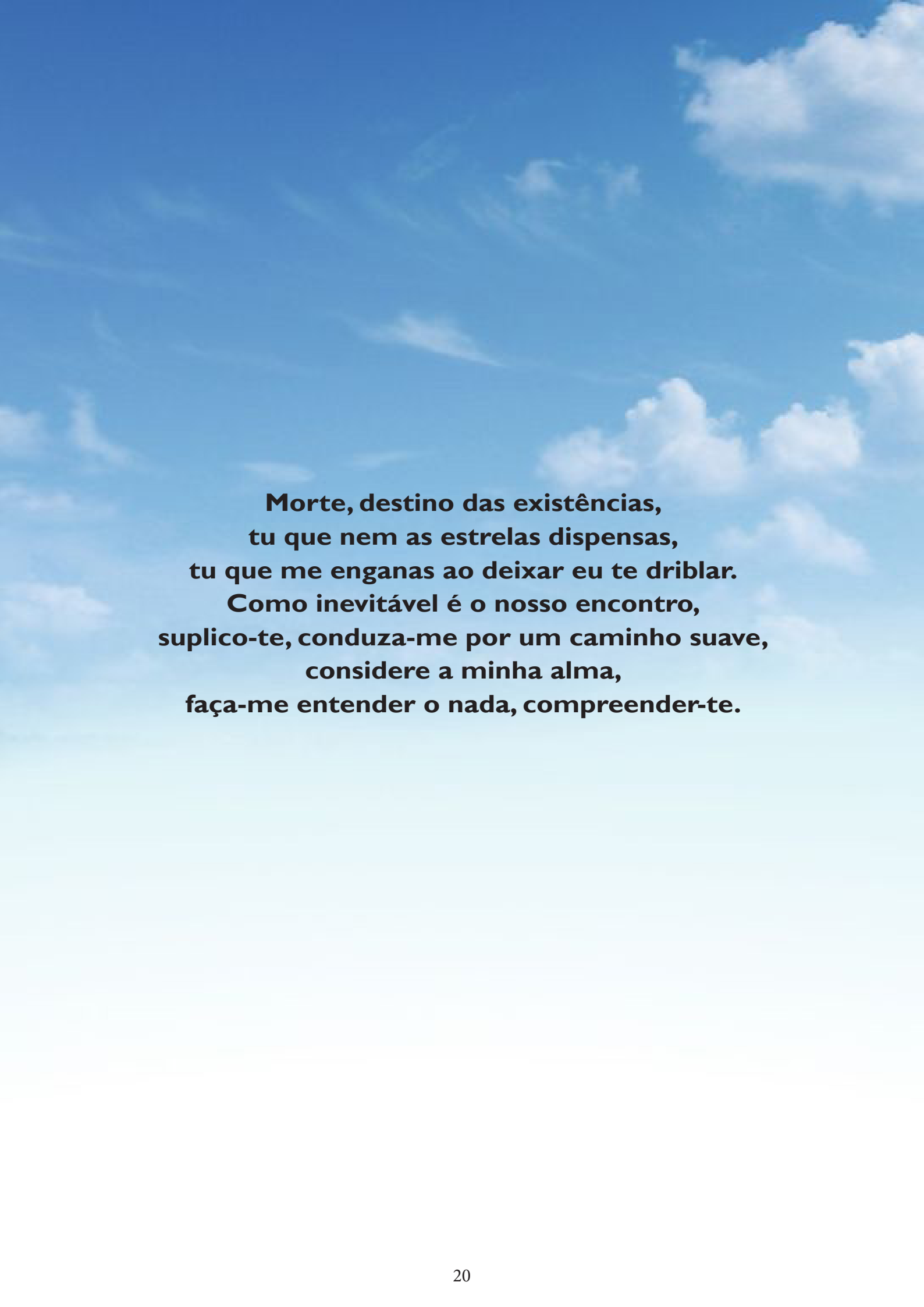
**Sofro menos, quando estou sorrindo, cantando, contemplando,
abraçando, brincando, fotografando,
amando, lendo, escrevendo.**

**Sofro menos, quando falo sério com Deus
que trago em mim.**

**Sofro menos, quando estou servindo,
quando não reclamo por reclamar.**

Sofro menos, quando compreendo o outro.

**Sofro menos, quando lembro que por alguns
sou querido, respeitado e admirado.**




**Morte, destino das existências,
tu que nem as estrelas dispensas,
tu que me enganas ao deixar eu te driblar.
Como inevitável é o nosso encontro,
suplico-te, conduza-me por um caminho suave,
considere a minha alma,
faça-me entender o nada, compreender-te.**


**E o ônibus amarelo encosta,
enche, vai.
Vai para a cidade da Serra.
Ao lado deles me sento,
que olham pra mim sem eu ver.
O ônibus amarelo é calmo,
de listras rubras, de poltronas riscadas.
O ônibus amarelo é velho.
Seres pobres no ônibus amarelo vão:
limpos, sujos, fétidos,
esgarçados pela miséria.
Há os que dormem no ônibus amarelo
o sono da desnutrição,
do cansaço, da desesperança.
Há os que falam, os que fumam,
os que calam, os que reclamam.
E o ônibus amarelo passa ao lado da Serra,
e chega, para, e todos descem
para cumprir destinos.**

**Nos cantos e aberturas,
nos eternos morros,
favelas da vida,
nos becos, entre passos,
nas desniveladas calçadas frias,
surgem plantas, tornam árvores,
mas árvores tristes, frágeis, raquíticas,
que sobrevivem apesar da pouca luz,
água e nutrientes.**


**São árvores cujas flores não atraem colibri
e seus frutos brotam apenas em sonhos.**



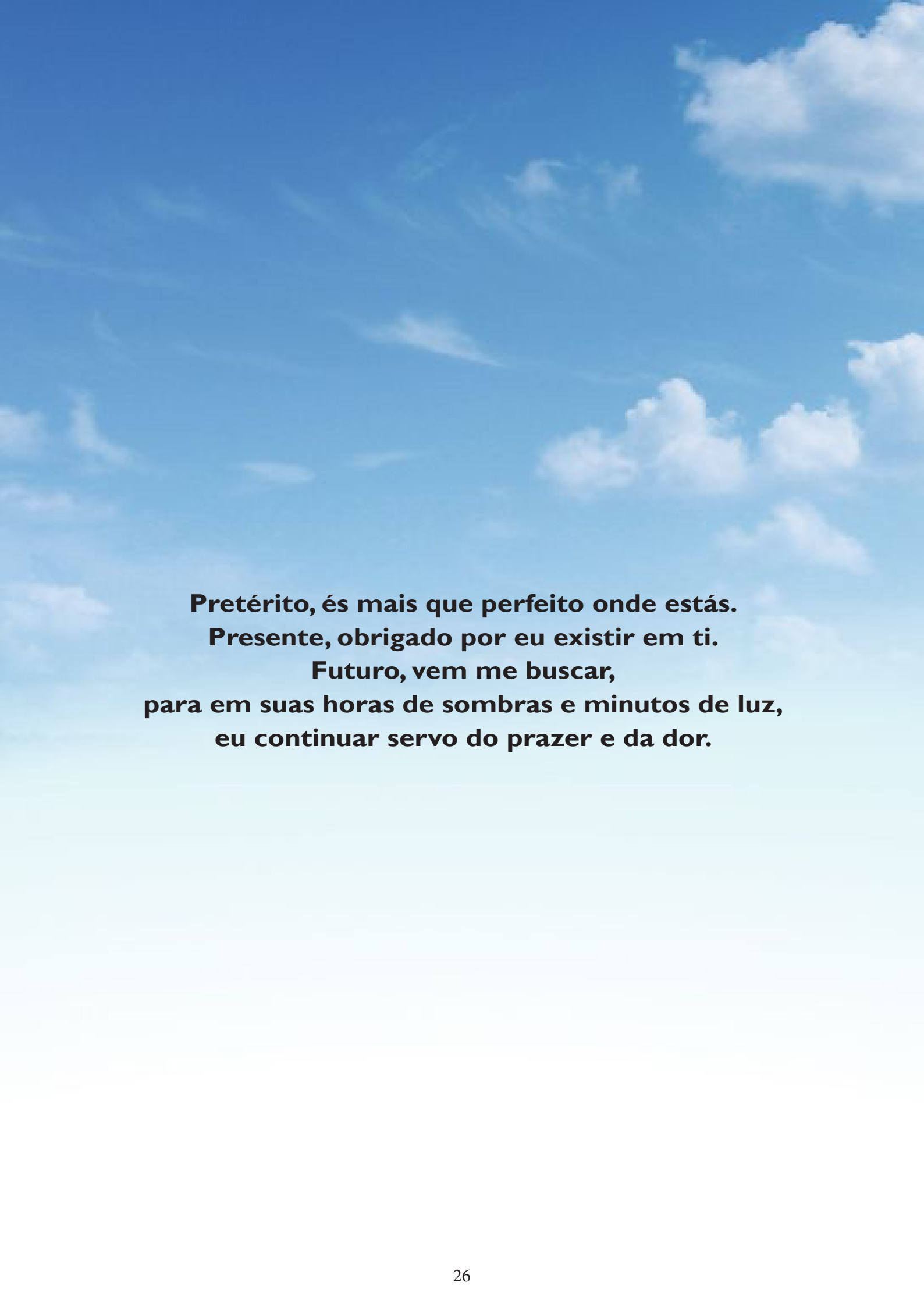
**A cobra sente o asfalto quente, áspero,
o sol ardente, o pneu que lhe busca,
a dor que lhe arde, o pouco que lhe cabe.
Assim é a gente.**



**Que linda música escuto agora!
Ela me domina, me convence, me eleva.
Que espécie de alma tem esse compositor,
que chega tão perto de Deus
e colhe tamanhas notas!?**




**Somos o barro que pensa e que quer;
pedra nua, descalça, que assiste o existir
e sobre campos minados sorri.**




**Pretérito, és mais que perfeito onde estás.
Presente, obrigado por eu existir em ti.
Futuro, vem me buscar,
para em suas horas de sombras e minutos de luz,
eu continuar servo do prazer e da dor.**

**A chuva cai sem dó sobre o telhado
da pousada pobre.
Madrugada que se esvai.
Acordo a pulso para verter água.
Vejo-me salvo do frio pelo cobertor
que trago de casa.
O sono sai de mim, em disparada.
Passo a refletir os meus temores,
minhas angústias,
meus desejos, medos, esperanças,
ilusões, alegrias e sonhos.
Lembro dos meus,
dos que estão e dos que já se foram,
todos pousados no meu coração estão.
Medito a vida, este constante respirar,
comer e pensar.
O cantar dos galos,
os acordes inaugurais dos pássaros,
o ronco de dor do caminhão que passa,
o ladrar dos cães,
o cheiro gostoso do café e do cuscuz,
todos a me dizerem que continuo vivo.**

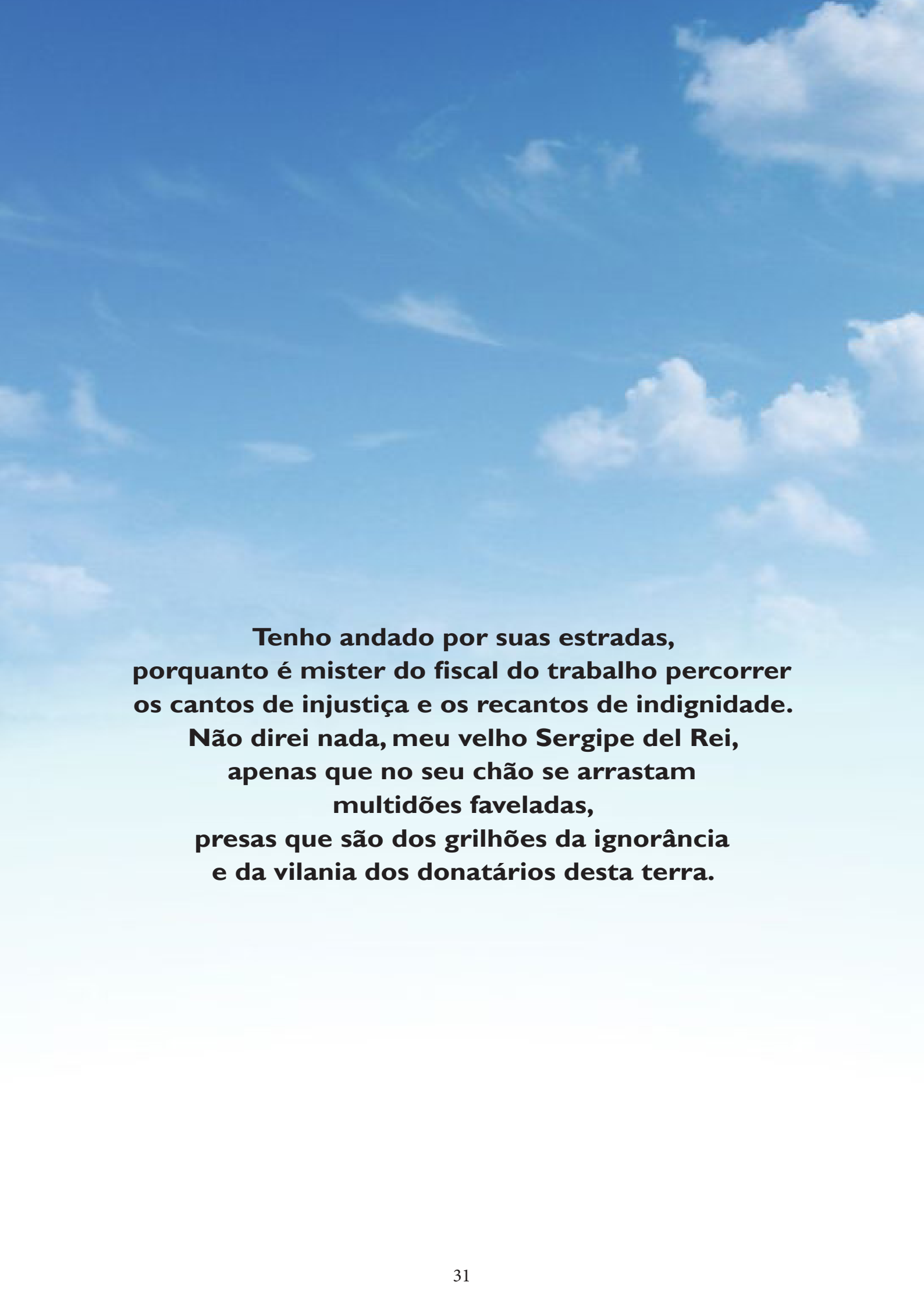
**O que faz essa gente nesse sol abrasador,
nessa fila demente, povo já tão sofredor?
Diz-me um velho em resposta:
– É pra receber alimentos, a eleição é agora!
Quando uma mulher passa por mim, absorta,
arrastando filhos,
abraçada aos poucos quilos de comida velha.
Fico aqui na minha omissão silenciosa.**



**Filhos de homens que nascem às margens da vida,
não raro são levados aos caminhos da maldade.
Confinados em grades, despersonalizados,
tornam-se entorpecidos, espectros esquecidos,
vidas que jazem em celas sujas e frias.**



**A luz, que por caminhos ilimitados engole mundos,
frustra-se em não poder iluminar a sombra.**



**Tenho andado por suas estradas,
porquanto é mister do fiscal do trabalho percorrer
os cantos de injustiça e os recantos de indignidade.
Não direi nada, meu velho Sergipe del Rei,
apenas que no seu chão se arrastam
multidões faveladas,
presas que são dos grilhões da ignorância
e da vilania dos donatários desta terra.**

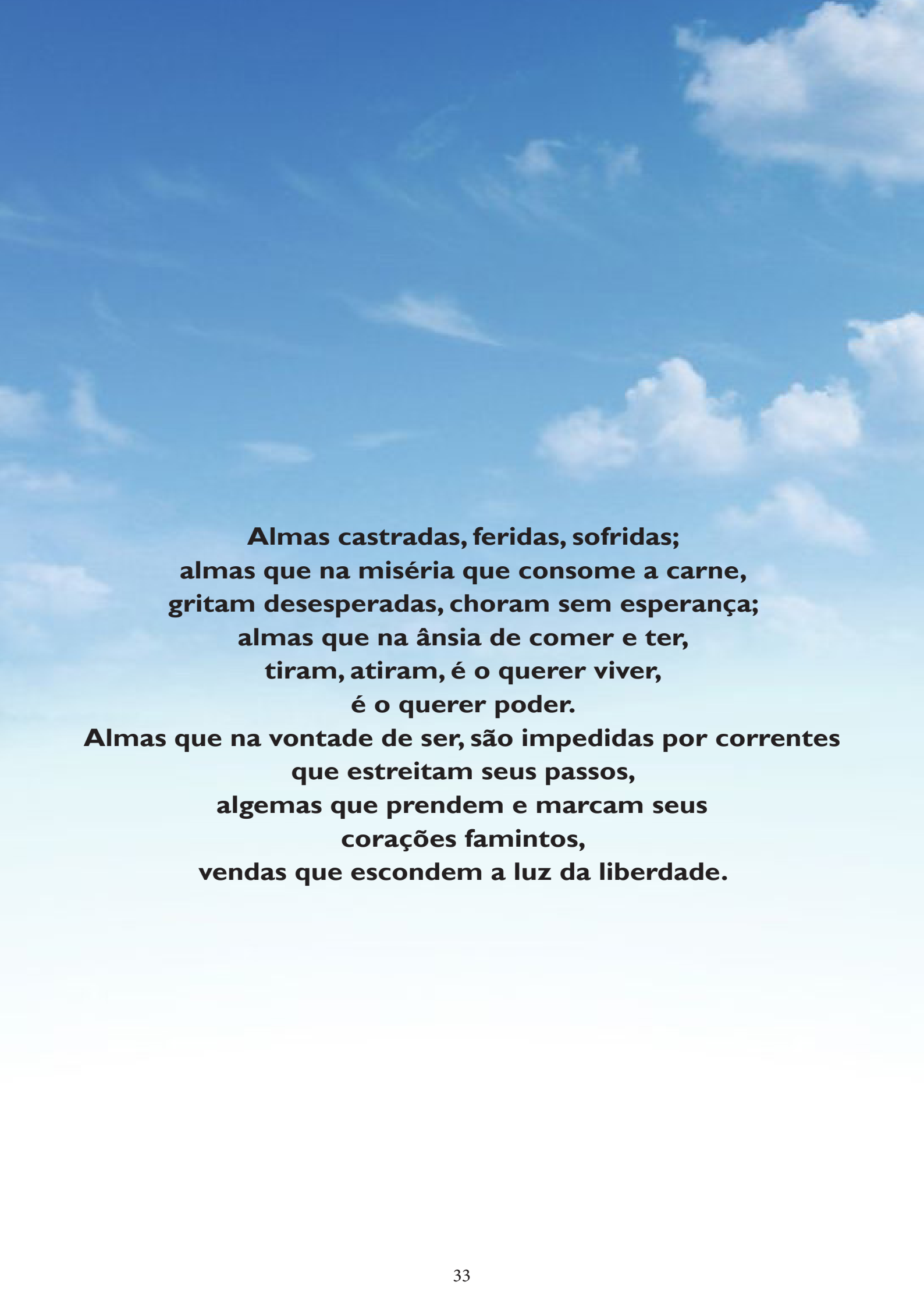
**O Deus que imaginamos é forte,
x vezes mais poderoso do que a gente.
Contudo, nos parecemos muito com ele,
pois conhecemos a sua justiça,
as suas preferências, anseios, propósitos,
temos até notícia de que ele já habitou entre nós.
Sabemos até que é do sexo masculino, usa barba
e que mora em casa majestosa
nos arredores da constelação de Órion.**

**É um rei de trono dourado,
Totavia, tenho comigo
que este Deus, do qual somos semelhantes,
igualmente a gente,
um dia falecerá.**

**Já o Deus que não imaginamos,
o que não teve início nem terá fim,
o que fez a energia, o tempo,
o arquiteto do infinito,
o criador e mantenedor de tudo que há
e de tudo que não há.**

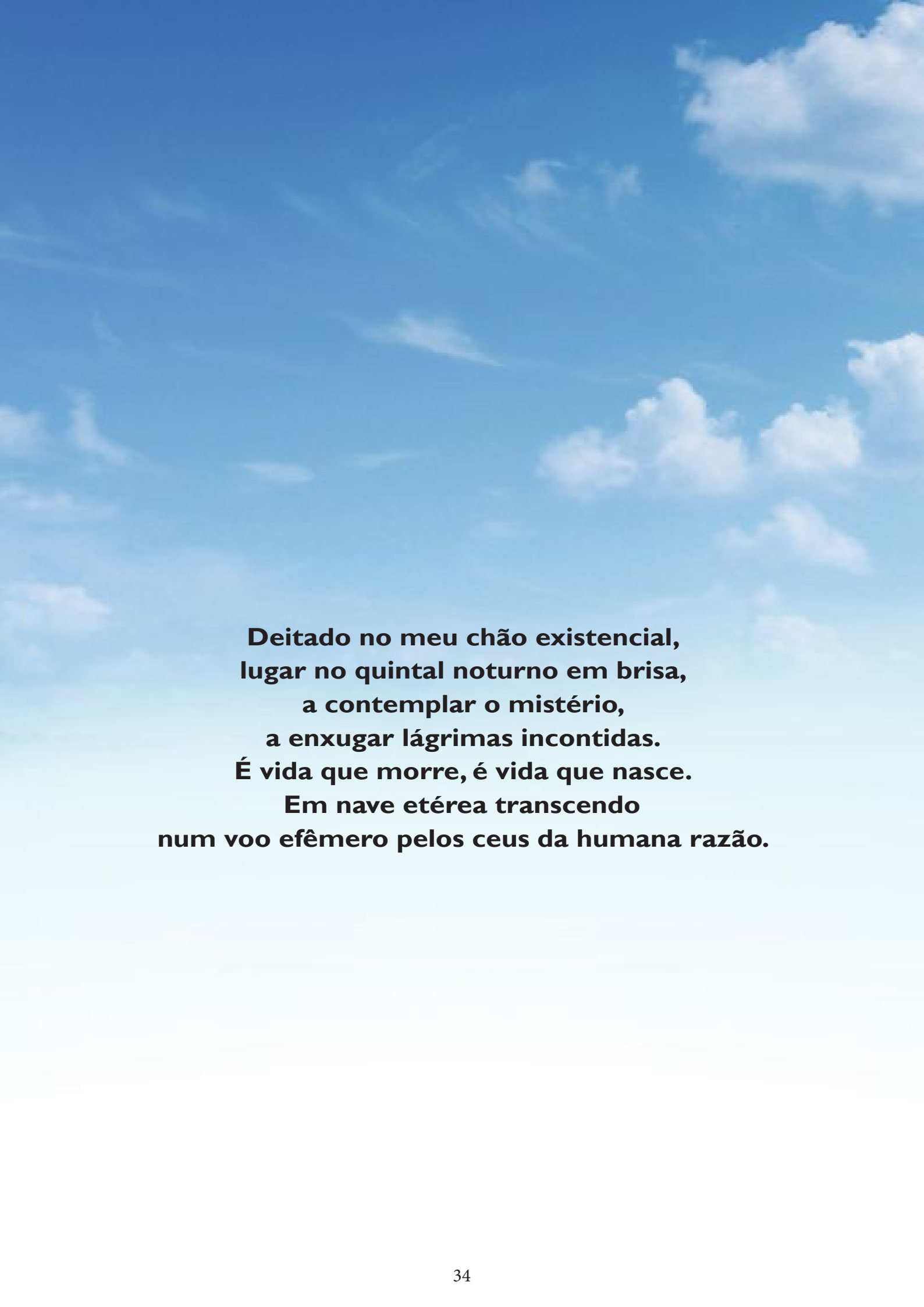
**Pois, a respeito deste Deus,
penso ser absolutamente impossível sabermos.**

**Seria como alguém desprovido de
nascença de visão ocular,
dizer do azul turquesa, do verde esmeralda,
da cor púrpura;
do sorriso da Mona Lisa e da beleza de
Paula Arósio.**




**Almas castradas, feridas, sofridas;
almas que na miséria que consome a carne,
gritam desesperadas, choram sem esperança;
almas que na ânsia de comer e ter,
tiram, atiram, é o querer viver,
é o querer poder.**


**Almas que na vontade de ser, são impedidas por correntes
que estreitam seus passos,
algemas que prendem e marcam seus
corações famintos,
vendas que escondem a luz da liberdade.**




**Deitado no meu chão existencial,
lugar no quintal noturno em brisa,
a contemplar o mistério,
a enxugar lágrimas incontidas.
É vida que morre, é vida que nasce.
Em nave etérea transcendendo
num voo efêmero pelos ceus da humana razão.**



**Dever de vida,
de vida longa,
de vida curta,
é a rotina das idas,
das boas e más vindas,
é a representação da peça,
é a perpetuação da luta.**




**Dormir é morrer e ficar aqui;
é a alma usando chaves em portas inexplicáveis,
fazendo o que lhe apraz.
Dormir é não ter consciência do que quer,
é a certeza do acordar.**




**A vida é a mais pesada das sentenças,
o mais caro dos prêmios.
A vida é o que disseram, dizem e dirão.
A vida é o que Deus de nós escondeu.**


**A noite faz greve contra mim, o que é raro.
Deve ser a ânsia que sinto de logo enxergar
como quando eu era menino.
Ânsia de me reencontrar.
Se finalmente o dia de amanhã chegar,
pelas mãos do doutor César Faro
trocarei meu embotado cristalino.**



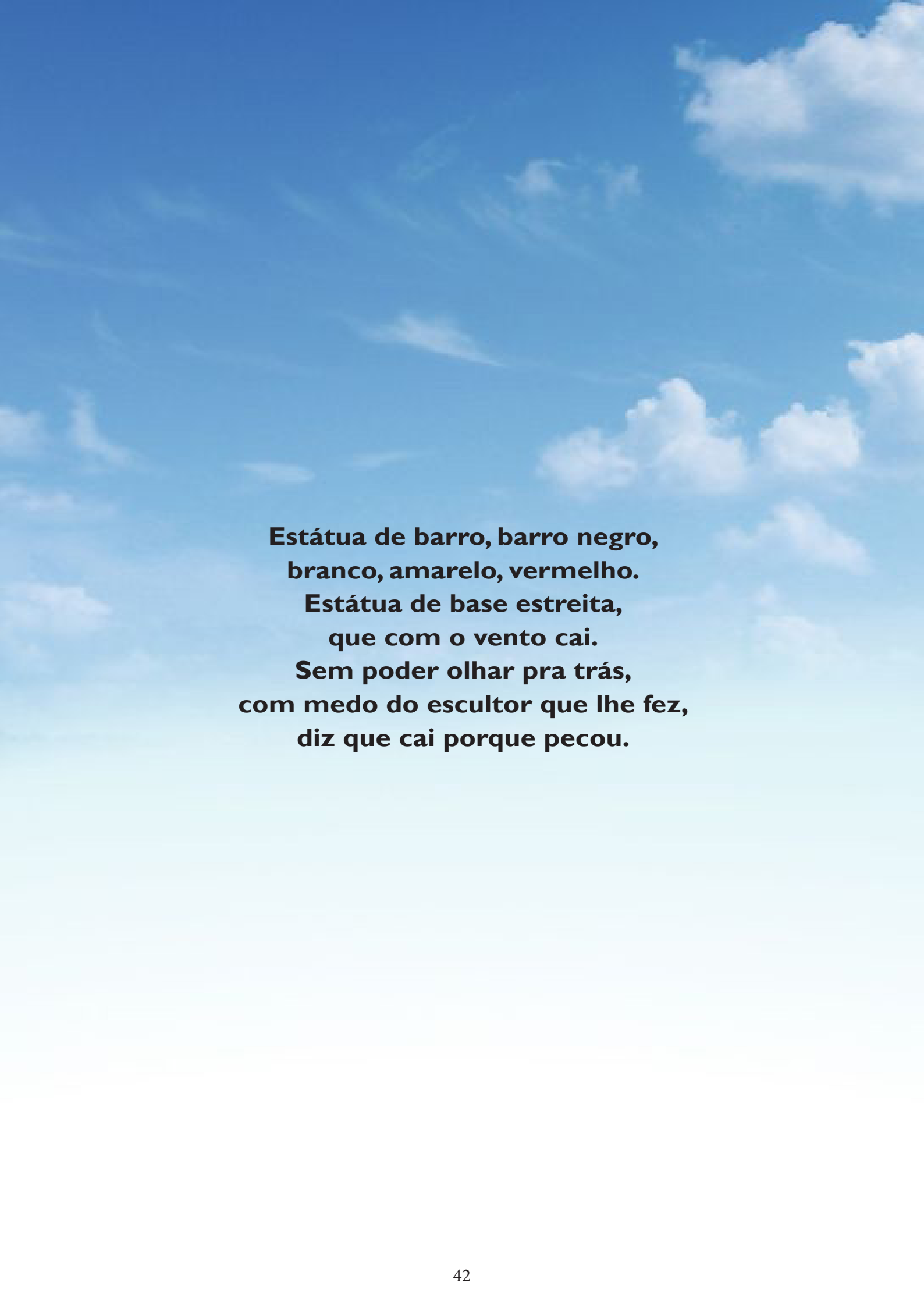
**Na rua que me criei,
corria pelo meio uma vala suja,
onde, com latas de leite Ninho,
eu pegava piabas barrigudas.
E só por sorte, ou porque sou forte,
não peguei doenças.**




**Sábado de Aleluia.
Atalaia Nova.
Onze da noite. Lua cheia.
Eu com alguns dos meus
caminhando nas areias
há pouco banhadas pelo mar,
bebendo a brisa e o esplêndido luar.
Deixamos ali nossas pegadas,
falamos em silêncio com o mistério.**




**Somos tudo,
enquanto a alma se cansa.
Somos nada,
enquanto a alma descansa.**



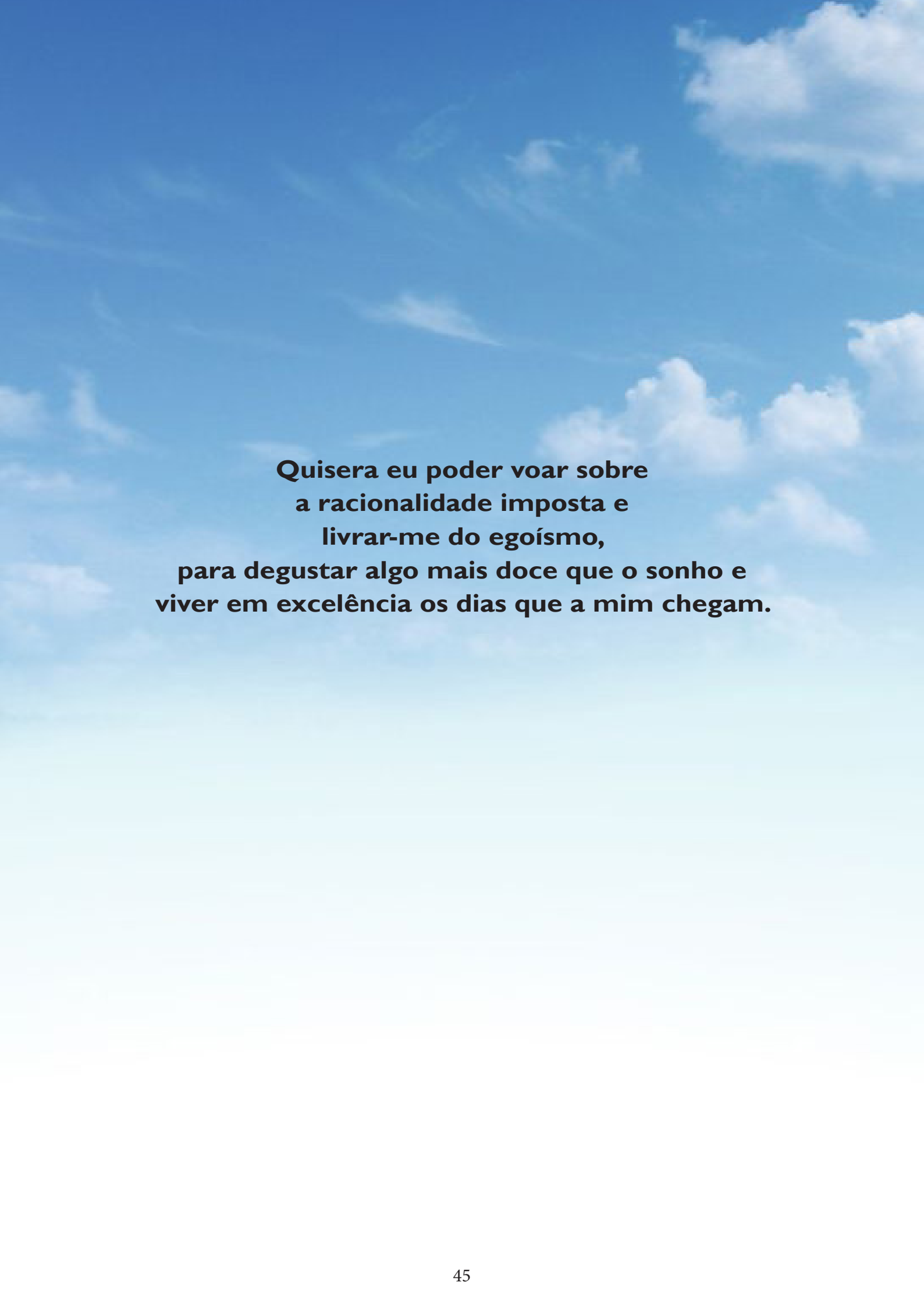
**Estátua de barro, barro negro,
branco, amarelo, vermelho.
Estátua de base estreita,
que com o vento cai.
Sem poder olhar pra trás,
com medo do escultor que lhe fez,
diz que cai porque pecou.**




**O quarto é meu.
Leio versos de alguém, complexos,
escondidos, de ocultos sentidos.
A chuva cai forte e o telhado e a calham reclamam.
A luz se foi, não tenho lanterna nem velas.**



**Que venha a vida,
que venha a morte,
que venham a boa e a má sorte.
Fomos feitos para tanto.**



**Quisera eu poder voar sobre
a racionalidade imposta e
livrar-me do egoísmo,
para degustar algo mais doce que o sonho e
viver em excelência os dias que a mim chegam.**



**Tanta gente passando por mim!
Tanta gente igual a mim!
É como se diante de um espelho:
no que faço, no que não faço,
no disse-me-disse, na mesmice,
nas roupas sem marca, nos pés mal calçados.
Estou cansado de olhar para o que não se muda.
Deixe eu fugir dos meus reflexos!**


**Lá vem o louco (i) mundo,
de barba e cabelos longos,
mais forte que todos nós,
apesar dos seus muitos anos.
Lá vem o louco (i) mundo
caminhando célere
na margem da rodovia.
Lá vem o louco (i) mundo
à procura do fim da estrada.
O fim do louco (i) mundo não existe.**

**Vi o rio Sergipe pela primeira vez.
Rio da minha existência, da minha história.
Eu tinha uns sete, oito anos.
Em pé eu estava, na calçada da rua da Frente,
na porta do Trapiche Lima,
onde meu pai trabalhava.
Era oito da manhã se muito.
Eu estava com minha mãe.
O rio em minha frente, largo, imponente e
suas águas brilhavam como espelhos
refletindo o sol.
Lembro que um navio singrava pelo meio.
Deslumbrado, fiquei ali por um tempo.
Não me levaram à balaustrada.**


**O rosto é a alma dizendo.
O que diz o seu rosto quase sempre não sei.
Não vejo o seu rosto senão quando chora.
Arrisco vê-lo em repouso, guardado, longe daqui,
mas mesmo assim, ligeiro, com receio,
pois de algum lugar ele pode estar
olhando pra mim.**

**Dou passos curtos em caminhos longos,
corro, me escondo, e o que eu seguro, cai,
desorganiza-se, envelhece, morre.**

**Dou passos longos em caminhos curtos,
perco-me, me esqueço, contradigo,
tudo conspira contra, solta da minha mão.
Vejo tudo vão, menos aquele momento.**



**Por uma escada em espiral profunda
desço ao aterro onde lançamos
lembranças imprestáveis, sem valor.
Mais das vezes, neste lugar, lançamos joias.
Busco neste meu mergulho
uma outrora esquecida luz,
uma pedra preciosa.**



**Pernambuco é rua, rua do Aribé.
Era rua esquecida, poeirenta, esburacada,
de frágeis moradas, onde uma vala a dividia,
alagada ficava uns dias e
em águas amarelas eu brincava.
Na Pernambuco me vi, lá meus tempos deixei,
lá meu futuro ainda dormia.**

**O barbeiro, de cabelos lisos, brancos,
corta o cabelo crespo, gasto, seco, sem brilho,
que cai pinicado, morto, sobre costas, pernas,
sobre as páginas da revista velha.**

**O barbeiro, tranquilo, conversa baixo,
macio, faz graça,**

conhece quem passa e a alguns dá esmola.


**O cabelo gasto, seco e sem brilho é o meu.
Giro entre espelhos, vestido em pano de cabelo.**

**Em ângulos admiro o velho e a criança
que esperam.**

**Sua beleza curva é feita de frente,
de mangues, de prédios, de praia formosa.
É calma ela, Aracaju, de ar farto, cheiroso.
É obra do rio e de mãos que não sei.
Não me canso de possuí-la
apesar das tantas vezes.
Para lá do estuário amplo que
acho lindo das pedras,
mar não tem igual, farol, azul, quanto sol!
Atalaia, mergulhos dou.**


**Lá fora, uma voz chama a parteira nossa mãe.
A noite densa e fria traz a chuva
sobre o telhado velho e cansado.
Gotas caem como espinhos,
nos nossos corpos enrolados, quentinhos.
Os ventos são covardes, maus.
No quarto ífimo de paredes frias
estamos quietos, com medo, ouvindo
a voz que chama a parteira nossa mãe,
que vai às cercanias da pobreza pegar menino.**

**As piores noites eu passei na infância,
nos calores dos verões implacáveis,
inimigos dos pobres desvalidos,
num quarto pequeno, úmido e abafado,
partilhado com irmãos do ventre,
deitado em colchão de capim,
duro, quente, espinhento,
quase sempre mal forrado,
enrolado em lençol de saco,
sob cortinado mal posto,
rasgado, tirado com os pés,
picado por sedentas muriçocas,
sem sono, suado, impaciente,
com medo, não raro, com dor de barriga,
dor de dente,
observando ratos no telhado,
procurando argueiro nos olhos,
ouvindo sons amedrontadores
das noites profundas.**




**Gente sem nada,
boia-fria na mão,
luta sem trégua por um quase não.**

**Gilda começa com gê,
de gato, galocha, gesso e gelado.
Mas o Gilda de minha mãe
com jota foi registrado.
É que sendo mamãe a mais nova
e seu pai a nomear os filhos
com jota como letra inicial,
veja, Jair, Jaci, Jackson, Jacira e Jandira,
desconhecendo que Gilda se escreve com gê,
e não ouvindo nenhum não do cartório,
fez de mamãe uma Gilda com jota.**




**Um barco, dois remos,
sorte e perícia no remar
unem dois extremos:
O homem e o mar.**

**Lanternas vermelhas, enfileiradas, acesas,
luzes que acenam para mim.
Estou preso na profusão delas.
A noite se instala,
no rádio o tenor canta,
a “Ave Maria” é bela.
Não há luz verde, não há guarda,
há crianças me pedindo esmolas.
Os pneus giram lentamente,
o motor está quente,
o combustível conspira,
o cinto incomoda.
Estou preso entre carros semivazios
e ônibus lotados de Brasil.
Elogio e censura os outros.
A impaciência me toma.
Reflico os lados da moeda,
penso na paz e na alegria que persigo;
finalmente um apito.**




**Na procura do inexplicável,
elevo-me ao cume da minha consciência,
descortino meu ego,
abro fendas no âmago do meu sentir.
Contudo, não enxergo a razão da existência,
o caminho que me fez viável,
a ponte que me transportou a este efêmero existir.**

Lanço-me no “Dino”.
E na contagiante multidão
entre cordas e cordeiros,
sinto cheiro de amor.
O trio eletrizante me arrasta
numa autêntica procissão pagã.
Água espirituosa me afeta,
divirto-me, canso.
É festa elétrica,
de guitarras e teclados,
de sopros, tambores e vozes.
Na harmonia do samba,
em danças e ritmos,
galera em frenesi.
Violência às vezes sim,
mas mamãe sacode,
pois o espírito é da paz
e o tempero da alegria
é a pimenta nativa.
É festa dos sexos,
dos corpos em cores,
dos beijos na boca,
da caça ao outro,
da vida em sedução.
No rio da folia,
na barca do amor,
pulo e canto com os sauros:
“O seu amor é canibal,
Comeu meu coração e
Agora eu sou feliz”.



**No meu tempo de menino,
levei tapa, murro, carão,
cascudo, puxão, beliscão,
palmada, pesada, apelido,
cinturão, castigo, pedrada,
caldo, carreira, empurrão,
enfim, muitos “não”.
Apesar dos poucos “sim”,
cheguei até aqui.**




**Que nossas crenças não nos vençam.
Que nossos desejos não nos matem.**

**Ínfima luz que na abóbada cintila,
em teu seio move e remove um mundo
excessivamente grande, forte, sem sombras.**

**Mas, preso pela inconsciência,
existe calado, dormindo.**

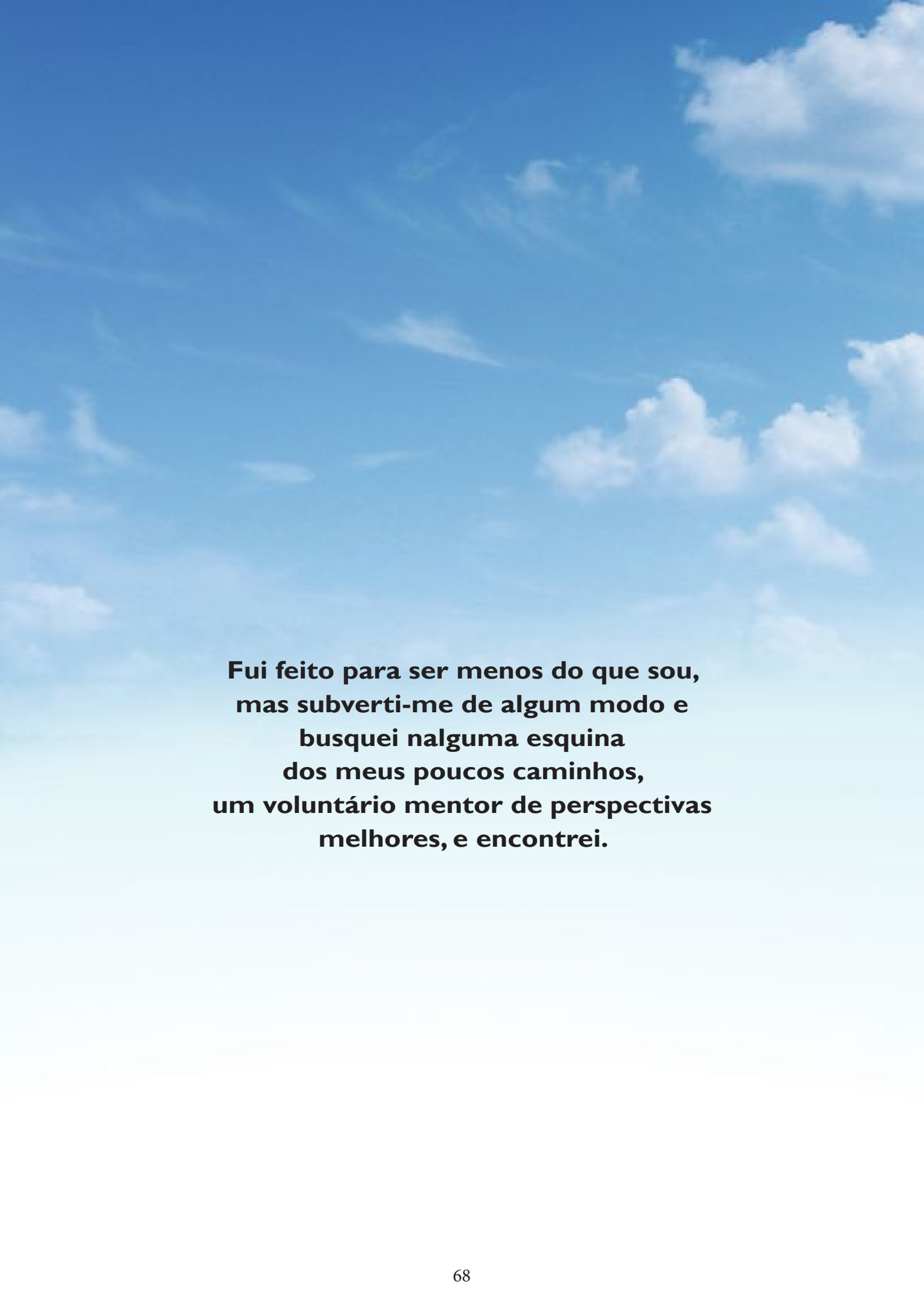
**Ínfimo homem que nas plagas habita,
em teu seio move e remove um mundo
excessivamente pequeno, frágil, em sombras.**

**Mas, livre pela consciência,
existe pensando, chorando, sorrindo.**




**A lua me observa.
O que ela quer de mim?
Gosto dos seus vestidos e
Do lado que não me mostra.
Estou aqui, efêmero.
Ela, quase eterna.
Novos passos eu queria.
Se ela caísse um dia!**

**Viajamos num trem circular
de infindáveis vagões,
sobre os trilhos do tempo,
a percorrer pontes de medo,
túneis de solidão e quilômetros de desejo.
Não sabemos em que direção,
que paradas, que estações,
apenas, que esperamos.
Nossa alma é o trem,
a alma humana coletiva.
Não importa se digo sim e você não,
no trem estamos sempre com a gente,
construindo e destruindo ilusões.**



**Fui feito para ser menos do que sou,
mas subverti-me de algum modo e
busquei nalguma esquina
dos meus poucos caminhos,
um voluntário mentor de perspectivas
melhores, e encontrei.**




**Estou me acordando.
Lentamente começo a me encontrar.
Meus músculos ainda se abraçam à inércia
e meus olhos à paz do não enxergar.
Já estou acordado, posso dizer.
Em minha frente o velho guarda-roupa:
sem raça, prensado, olhando pra mim.
A janela diz que a manhã chegou.
A escova e o creme dental me esperam, pois
não posso esquecer que ainda existe o sorriso.**

**Nos dias de criar filhos,
eles brincam, brigam, fazem dever,
conversam, trazem amigos.**

**Nos dias de criar filhos,
a mulher reclama, eles pulam na cama,
sujam o chão, não querem lavar banheiro,
vão a pulso comprar o pão.**


**Nos dias de criar filhos,
o computador manda, a televisão desmanda,
o rock in' roll do Nirvana, a luz que só vive acesa,
o ventilador, o telefone que chama,
os cachorros latem,
o papagaio diz “loro”, assobia,
os peixes em silêncio como sempre,
o gato arranha, mia, a ração acaba,
jandaias, calopsitas, periquitos, algazarra.**

Nos dias de criar filhos, nós nos recriamos.

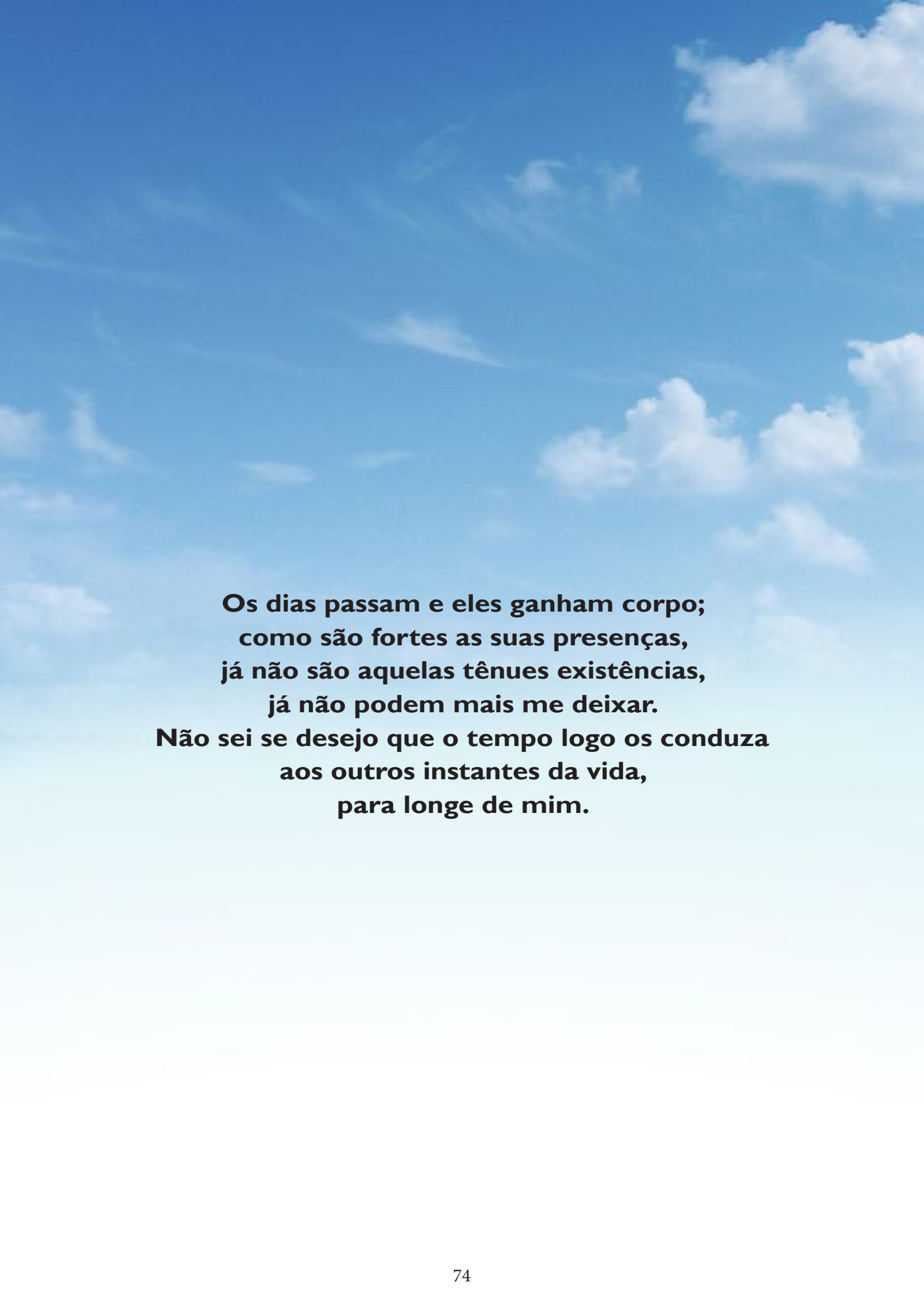


**O olho se entrega ao escuro,
e até sente prazer,
mas sua paixão é a luz.**

**Pouso na casa deles
tal qual um canário cantador
num viveiro de sofrer;
canto minhas glórias e
ouço os seus lamentos.
Estou na casa deles:
do assalariado rural,
do meeiro, do parceiro,
do pequeno produtor.
Hoje ela está cheia,
é segunda-feira,
dia do dentista sem diploma e
do médico que não parece doutor.
Estou aqui faz uns dias,
domando carcarás e gaviões famintos.**




**No despertar destas minhas frias manhãs,
o cantar do bem-te-vi
louvando a luz nascente que vem do mar
e o silêncio que ainda copula com o ar,
é presença de Deus que me apraz.**




**Os dias passam e eles ganham corpo;
como são fortes as suas presenças,
já não são aquelas tênues existências,
já não podem mais me deixar.**


**Não sei se desejo que o tempo logo os conduza
aos outros instantes da vida,
para longe de mim.**




**Meu coração aguenta a emoção,
portanto deixem que eu me extravase,
que a bebida me tome, me engane,
que eu me derrame pela cor canarina,
pela verde e azul que também são minhas.
Deixem que a alegria me tome, me devore,
não é todo dia que se é campeão.**




**Com minha Fuji fujo da rotina
e vou a uns pontos, ao morro, ao mar,
ver prédios, ruas, mangues,
sentir o ar que vem do mar,
admirar a beleza que me basta,
beijar com minha lente minha Aracaju amada.**




**Pousou indelével, o ano que passou,
na memória dos que a ele sobreviveram.
Ainda estou vivo,
sem maiores exclamações, contemplando,
ruminando as questões sem respostas,
iludido com as versões da realidade,
bebendo os cálices doce e amargo da existência.**



**Minha prima Maria,
que veio pra ser criança e na dor sorrir...
No peito ela trouxe um deus de carne,
no peito ela tem um deus de arte.
Candura que hoje voou da existência.**




**É meio de tarde,
quero entrar, mas não tenho as chaves.
Lá dentro alguém dorme como morto.
Estou preso entre a grade e a espera.**




**Por que moras num invisível tão longe?
Por que nos faz viver assim, doendo?
Por que nos faz morrer assim, todo dia?
O nosso doer e o nosso morrer
parecem resolver o teu ser.
Por que não vens morar na lua,
para eu olhar no teu rosto?**

**Procuram-Te onde não Te encontro:
em templos, sacrifícios, superstições,
no amar apenas por palavras.
Falseiam a Tua forma e os Teus anseios.
Não Te procuro pelos caminhos impostos.
Tu és o que é e estás onde está.
Não és o que simplesmente pensamos,
nem estás onde comodamente queremos.
Vislumbro Tua presença
nos movimentos e nos contrastes;
numa palavra,
no existir sobre o não existir.**



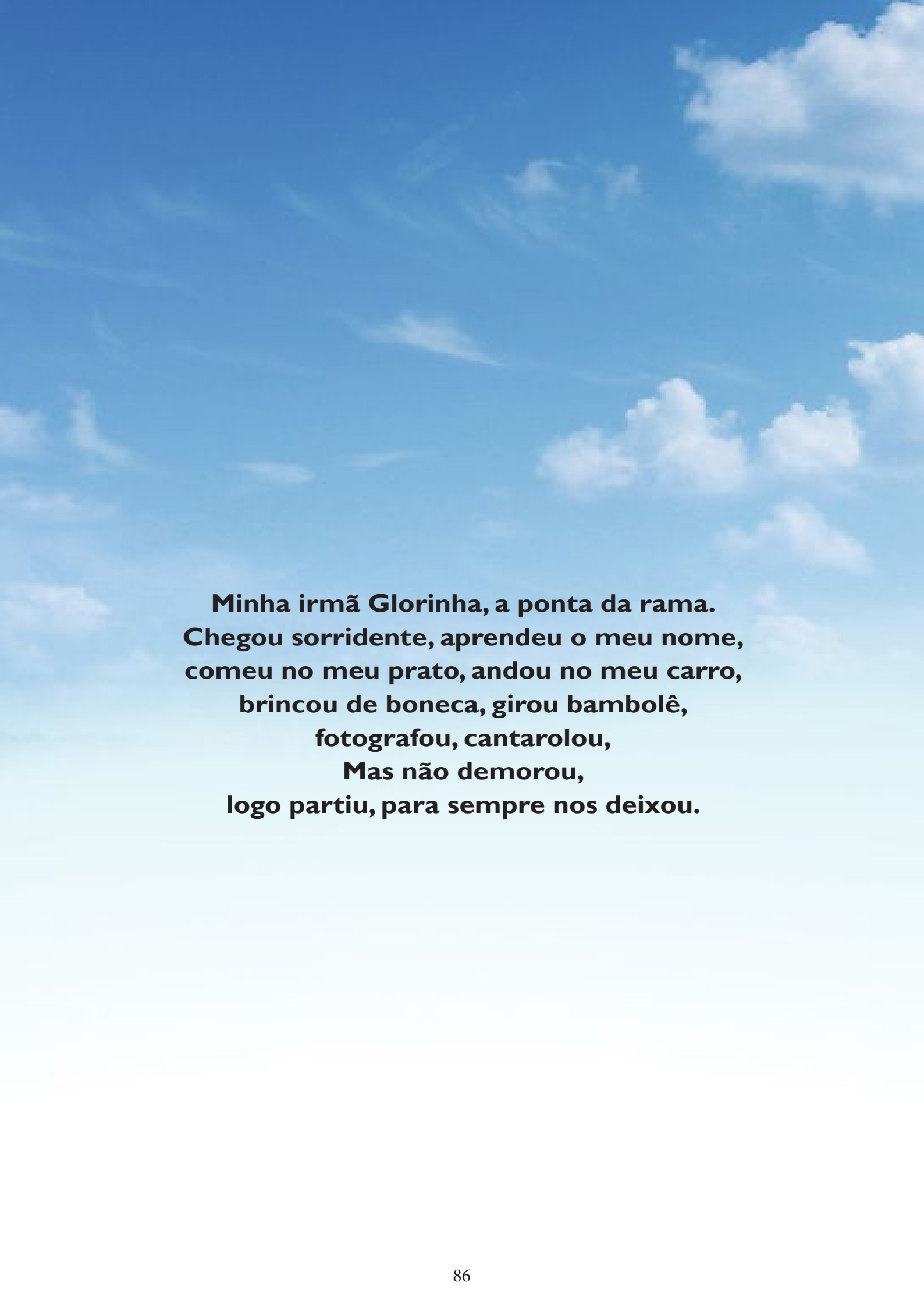
**Foi em julho.
Eu tinha completado onze anos.
No estádio novo,
cheguei às cinco.
Em pé fiquei seis horas.
Tudo pra ver Pelé.**



**Nos dias que sou levado apenas
pela natural
compulsão de viver,
fazendo apenas o que é de hábito,
desfocado, de olhar baixo, sorrindo falso,
sentindo exagerado o mau cheiro das ruas,
ainda assim não esqueço de a Deus
agradecer pelos desertos para travessar.**

**Porque agora estou no estádio,
um torcedor do meu lado diz mais da paixão.
Sou alvirrubro, alvinegro, canarinho.
A bola lá embaixo é senhora, é escrava.
A bola lá embaixo é pincel,
e quando a arte pinta a gente
esquece que é mortal.
Porque agora estou no estádio
assistindo ao jogo do imponderável,
esperando que gol seja feito a meu favor.**


**No jardim das dalias da casa de vovó
as flores eram brancas, algumas amarelas,
e eu criança frágil, igual a elas.
Envolto em caules, folhas e pétalas,
de calção e peito nu, mãos e pés sujos de terra,
eu brincava com gafanhotos,
libélulas e insetos outros.
Da varanda da casa, meu avô me olhava,
o beija-flor me dizia.**




**Minha irmã Glorinha, a ponta da rama.
Chegou sorridente, aprendeu o meu nome,
comeu no meu prato, andou no meu carro,
brincou de boneca, girou bambolê,
fotografou, cantarolou,
Mas não demorou,
logo partiu, para sempre nos deixou.**




**Ai de mim,
que só nasci pra amar e dizer sim.**



**No cofre das minhas lembranças
guardo do meu eu criança
as coisas que o tempo levou:
dias de tanta beleza, esbelta e rica pobreza,
marcas que o vento apagou.**




**A janela me conduz às telhas,
abraçadas que estão, mas frágeis e indefesas.
Vejo nelas os humanos.
A janela me conduz ao céu,
que nem sempre é azul, não raro é sujo, escuro.
Entre eu e o céu existe o abismo,
que não compreendo, que me engana.**




**O som triste do apito noturno,
sinaliza a estrada da minha insônia.
A brisa traz de longe uma música sofrível,
denotadora da madrugada dos pobres.
Despeço-me dos versos que leio,
sento numa das minhas poucas cadeiras,
desligo as luzes da casa,
menos uma para eu não ficar tão só.**

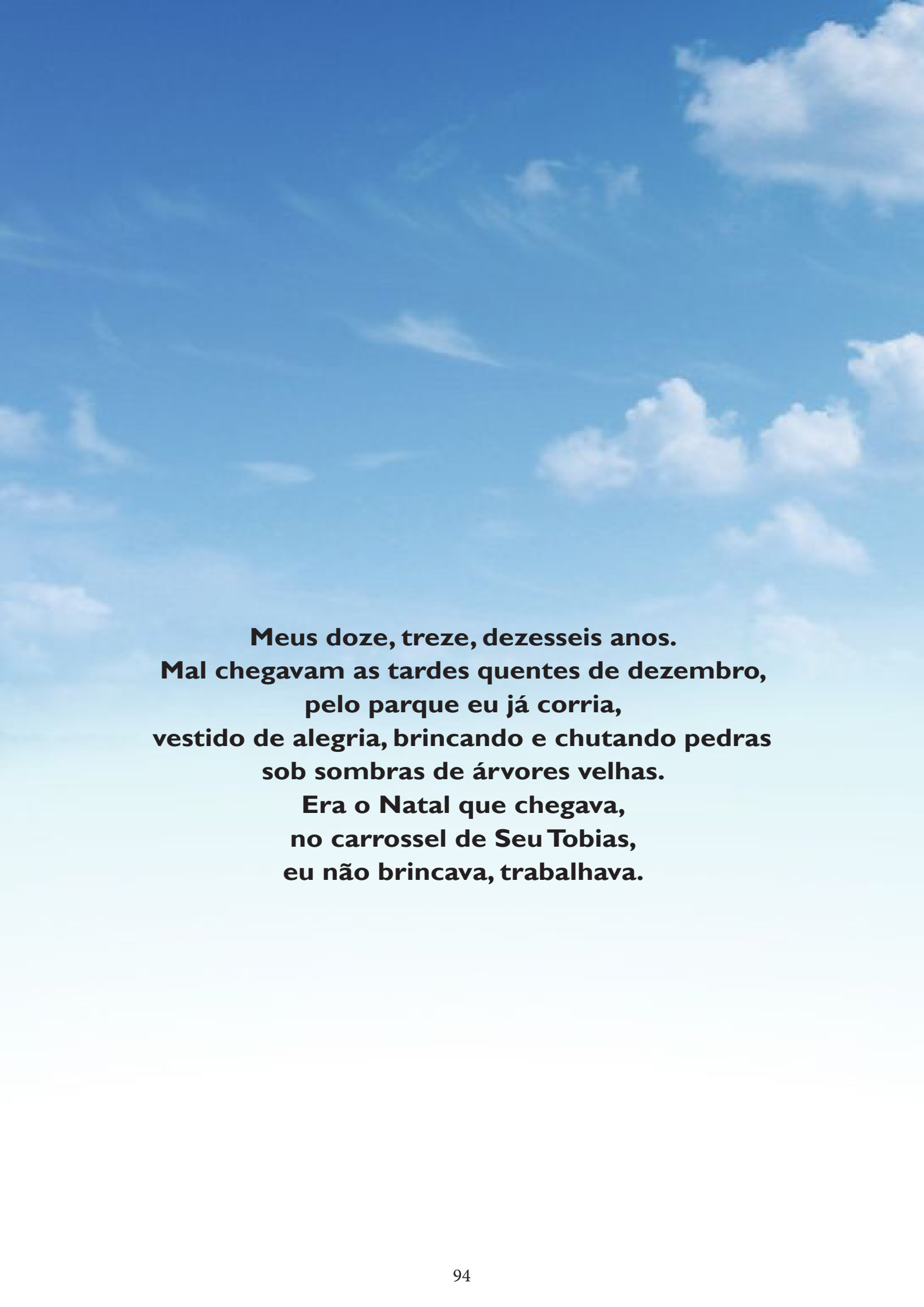
**Minha felicidade está no não sentir dor,
no gol a meu favor, na arte que acho linda,
no ter pai e mãe ainda, no cantar e conversar.
Minha felicidade está no x das coxas,
no saciar a fome, a sede e o sono,
no ter, no servir, no compreender.**




**Ainda estou por aqui,
neste enigmático existir,
a cumprir ordens e obrigado a produzir,**



**Na minha infância,
meus pés e mãos sujos de terra.
Nem assim as doenças olharam pra mim.**



**Meus doze, treze, dezesseis anos.
Mal chegavam as tardes quentes de dezembro,
pelo parque eu já corria,
vestido de alegria, brincando e chutando pedras
sob sombras de árvores velhas.
Era o Natal que chegava,
no carrossel de Seu Tobias,
eu não brincava, trabalhava.**




**Gosto de estar só;
é via calma, só minha,
onde dirijo despreocupado,
contemplo calmo os quatro cantos.
Só, não preciso fazer sala,
flui melhor meus pensamentos,
eu me escuto, me compreendo.**


**Espero a chuva passar na barraca das macaxeiras.
Na sacola trago cana, banana
e outras coisas da feira.
Meus olhos pousam na vendedora de ostras,
na mulher fateira, no peixe fresco e
na faca peixeira,
nas galinhas penduradas, mortas.
Sinto os cheiros da feira, leio a rima das frutas,
das verduras, dos legumes, das carnes vermelhas.
Chuvinha fina com sol, agora,
é casamento da raposa.**

**A água amarela chega calada, entra lentamente.
É suja, oleosa, intrusa, da chuva.
Invade a rua, o quintal, o alpendre,
os quartos, a sala, a cozinha,
os quatro cantos da casa;
afoga as poucas coisas da gente.
É da água a nossa casa.
Minha mãe chora quando a água entra; lamenta.
Meu pai, calado, olha,
depois diz que ela vai embora.**


**É difícil ser gente, se todos mentem,
se os vírus não gostam da gente,
se a dor pode ser inclemente,
se a comida nem sempre é quente,
se não somos de todo conscientes,
se não se diz o que realmente se sente,
se não se ama incondicionalmente,
se a violência é uma constante,
se a morte vive passando rente,
se perdemos constantemente,
se o meio ambiente só vive doente,
Se as pessoas não se entendem.
É difícil ser gente.**




**Nas estradas que se cruzam
nas profundezas da gente,
quando em vez passa Deus
sem pros lados olhar,
tranquilo e indiferente.**




**Em minha terra, o rio São Francisco.
Brejo Grande diz: Por que se vai?
Propriá e Ilha das Flores ficaram para trás.
Nesta manhã de novembro,
pelas bandas de Neópolis,
na estrada beirando o rio, numa sua margem nua,
contemplo-o azul, plácido, acenando pra mim.
Seu sorriso me esconde que sofreu.**



**Sei que tu és o autor da vida, do bem e do mel,
porém um raio de luz, herético e questionador,
me fez ver no escuro em que estou,
que da morte, do mal e do fel tu
és também o autor.**




**É noite, as casas já estão frias.
Do mirante da minha insônia, admiro as luzes dos homens e
faço indagações em vão:
Onde estão os sonhos dos que partiram?
Onde o fogo e a dor se escondem?
O que fazem agora o passado e o futuro?
Onde o tempo e o espaço descansam?
O que existe além do Universo?
As estrelas sabem quem somos?**



**Outubro de 2006.
Fotos, fogos, arroubos.
Eu com os outros,
deslumbrados, orgulhosos,
ante a secular sonhada ponte.
Meus velhos pais e uma sobrinha comigo.
Ela, a ponte, colossal, magnífica,
vestida de azul a refletir-se nas águas.
Aracaju e Barra dos Coqueiros agora fazem amor.**

**Japaratuba, cacique valente, rio caudaloso, de águas perenes.
Outrora, missão, hoje, município sergipano,
chão dos meus saudosos avós,
que em 32 trouxeram à luz meu pai.
Felinto, que os seus chamavam de Linto,
a alegria da casa, o amigo da flauta,
o menino peralta de infância gozada,
que no sítio da casa
correu pastos, campinas,
andou a cavalo, nadou em rios, banhos e lagoas.
Foi aluno do professor Emiliano Nunes de Moura,
foi obreiro do pai, no armazém e na loja de panos.
Vieram os outros tempos para o filho de
Maria da Glória e Donaciano, Corrêa.
Agora, Aracaju, com a esposa amada e os filhos
que logo vieram, depois os netos e bisnetos.
Trabalhou muitos anos no Trapiche Lima,
de Fontes & Irmãos.
Depois veio a representação comercial,
a Gráfica Santana,
o sítio de laranjas em Boquim,
a casa da Atalaia Nova,
a ajuda material aos filhos.
Caminhos de luta, de realizações, que ele percorreu
com humildade, sabedoria, dedicação,
paciência, fé e esperança.
Os muitos lustros trouxeram-no até aqui,
sempre voltado às lembranças do passado,
mas sem perder de vista
o presente e os dias do porvir,
sem esquecer o sorriso, marca do seu rosto.
Felinto Corrêa, que soube percorrer
os desertos e os oasis da vida.**




**Na rede
reflito o dia já vencido,
degusto minhas cegueiras e
espero os chamados do outro dia.
Na rede sinto as dores dos outros,
mas só as minhas me satisfazem.**


Começo de vida.
Estava com meu pai, comprando leite,
quando ele viu o perigo por mim.
Um homem, no local da venda,
sacou um revólver e ameaçou atirar em alguém.
Rapidamente meu pai me pegou em seus braços,
saltou comigo um muro baixo,
e de mãos dadas
corremos pela Rio Grande do Sul à fora.
Ele teve medo por mim.
Foi quando vi meu pai pela primeira vez.

**Manhã de setembro, domingo de feira.
Caminhava eu tranquilo por uma rua do bairro;
na mente, as dores e os prazeres da gente.
De súbito, uma senhora, idosa, de baixa estatura,
em trajes simples e ágil no andar,
vem em minha direção,
faz-me sair dos meus pensamentos.
Diante de mim, para, fita-me,
e com olhos marejados,
esculpindo meu rosto com suas mãos em gestos,
diz da minha semelhança
com um filho seu querido.
Surpreso, indago-a sobre ele,
onde mora, onde trabalha.
De pronto ela diz seu nome e que serve no
Ministério do Trabalho.
Rio grande e abraço forte a frágil mulher.
Disse a ela que este seu filho
é meu colega de trabalho.
Prometi àquela mãe dizer ao filho que a vi.**

Lampião morreu ali.
Indo por Poço o chegar é mais longo e penoso.
Fui com alguns dos meus por Piranhas,
descendo em barco o Velho Chico.
Em águas alvoroçadas, frias nestes dias,
libertas da Usina, uma de suas muitas sinas,
descemos, driblando pedras,
vigiados por morros vestidos de verde.
A gente no curso do rio... inesquecível deslumbre.
A trilha que leva à grotta
é quase fácil, é quase difícil. Chovia.
Era quinta-feira, 28 de julho, era o dia.
A caatinga estava lá, viva,
e cascavéis nos espreitavam.
Angicos é ermo, pequeno, escondido.
Não o vi triste, lúgubre, mas, história.




**Sem marcas de pegadas,
virgem como um botão,
a isenta estrada amanheceu em mim.**



**Todo mundo tem razão.
Meus amigos e inimigos têm razão.
Os pobres e os ricos têm razão.
O governo e o povo têm razão.
Todo mundo tem razão.
Mas o que é a razão?**

**Um dia crio galos e galinhas,
de quintal, de raça, de capoeira,
soltos em grande cercado,
ciscando, dormindo empoleirados,
comendo grão de milho, capim,
barata, minhoca, resto de comida,
lagartixa, escorpião, cobra.
Um dia crio galos e galinhas,
do jeito que a natureza gosta:
cantando, cruzando, pondo,
chocando, criando pintainhos.**

**Traz no rosto um sorriso que ri,
de unhas feitas, espinhas,
menina que busca a mulher.
Stephany.
Suas linhas finas e lindas
já ensaiam o amor.
Debuta, Fani!
Sejas diva, viva,
altiva, do bem.
Que Deus lhe faça feliz!**



**Sou filho da zona da mata,
do massapé, da cana-de-açúcar,
da rapadura, do cabaú;
berço de meu pai e meus avós.
Sou filho do litoral,
onde nasci e estou nele todo dia.
E sou filho do sertão, o pernambucano,
das caatingas do Pajeú,
de onde meu bisavô é oriundo.**

**Meu sobrenome é paciência,
ave nascida no ninho do meu feitio;
de asas longas e sonhos reprimidos,
que, às vezes, aqui e ali deseja voar de mim,
mas logo corto suas asas e vendo seus olhos.
Lembro-lhe que seu canto é essencial para mim,
cantiga que não canso de cantar,
quem quiser pode chamá-la também de
“saber esperar”.**


**Os trilhos correm há anos sem trem
no meio da longa avenida,
tomando boa parte da sua largura,
estreitando com isso o caminho dos humanos.
É uma antiga via que tem aqui, em Aracaju,
onde antes havia regular tráfego de trem.
Estou nela, agora, aguardando
o sinal verde para seguir.
É hora do Ângelus, 18 horas,
e milhares de vidas passam por ela neste instante;
de ônibus, a pé, de carro,
moto, bicicleta, carroça.
Já posso seguir,
mas antes digo aos meus botões, o
quanto somos escravos de senhores invisíveis.**

**Não quero nada que não seja a
ida com possibilidade de volta.
Não quero nada que não seja a trilha,
ainda que difícil ou maltrapilha.
Não quero nada que não sejam as cores,
os cheiros, as idades, algumas dores.
Não quero nada que não seja a minha verdade.
Não quero nada que não seja a minha liberdade.
Não quero nada que não seja a vida.**

**Canis majoris,
estrela das maiores,
impossível imaginar seu tamanho,
pelo menos duas mil vezes maior do que o Sol.
Sol que em volume
é 1 300 000 vezes maior do que a Terra.
Esta, por sua vez, tão gigante diante de nós.
Mais difícil ainda é imaginar Deus,
dito tão pequeno nos púlpitos da vida.**

**Eu tinha uns quatro a cinco anos de idade,
quando me vi estudando no
no Educandário de dona Leonor,
minha primeira professora.
Lembro que eu gostava mesmo era do recreio,
para correr, jogar futebol, merendar pão com
manteiga, chupar picolé.
Era grande a luta com o alfabeto e a tabuada.
Um colega foi levado ao quadro.
Vi que ele sofria, pois não
sabia por completo o **ABC**,
e buscava em vão a consoante sequencial.
Era grande sua aflição, porque dona Leonor batia.
Sei que, sentado de onde eu estava,
disse-lhe em voz baixa, a letra que seria.
Dona Leonor saltou do birô e
veio para mim, tirou-me
grosseiramente do assento,
dizendo-me rispidamente para eu não
fazer mais o que eu fiz;
Seus olhos grandes, verdes,
arregalados, pareceram-me mais lindos.
Com um taco de piso que lhe servia de palmatória,
segurou firme a minha mão, que tentei soltá-la.
Os colegas, amedrontados, calados, olhavam-me.
Deu-me uma forte palmada,
uma só. Chorei.
Ainda hoje dói e arde aquele humilhante “bolo”,
que não retirou de mim um grama da minha porção
de sentir compaixão e amar ajudar.**

**Na minha infância e adolescência,
vivas socialmente na pobreza,
em rua abandonada do bairro Siqueira Campos,
que gosto de chamá-lo de Aribé,
convivi em casa e na rua,
com moscas, baratas, ratos, muriçocas.
Tais seres habitaram em mim.
Quanta repulsa me causaram,
quantas armadilhas lhes preparei.
Um sem número deles feri, matei, espantei.
Com eles, alguma coisa eu aprendi.**



**O céu do Aribé do meu tempo de menino,
mais das vezes apresentava-se
pontilhado de urubus.
Era lixo demais nas ruas,
sujeira muita nos terrenos baldios.
Com tudo isso eu interagía e nada de errado eu via.**

**A cidade passa por ele,
pelo bairro Siqueira Campos,
ou Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
tabuleiro, pobre recanto,
de gente simples, operária,
de ruas que encontrei nuas,
poeirentas, esburacadas,
de casas frágeis, estreitas,
ricas de carências e filhos,
indignas quando tomadas pelas
águas das chuvas malvadas.**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
das calçadas de pedra calcária,
de cimento, de chão batido,
algumas poucas de ladrilho,
das valas abertas, sujas,
dos esgotos expostos, fedidos,
do lixo nas esquinas.**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
da Leste e seus trens barulhentos,
da praça Dom José Tomás,
da Igreja do Espírito Santo,
das Adventistas, do 7º Dia e da Promessa,
da Assembleia de Deus,
da feirinha da rua Goiás,
hoje Carlos Correia,
da marinete chamada Diana,
das combes de listras rubras**

que faziam o transporte regular.

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
do comércio que já prometia,
das carroças pra lá e pra cá,
do baticum dos terreiros,
dos currais que eu conhecia,
cavalos, bois e carneiros nas ruas,
do cantar dos galos nas madrugadas,
do coaxar de sapos e jias no fundo do quintal.**


**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
do campo de futebol da rua de Bahia,
dos times amadores Rio Negro, Portuguesa,
Flamengo Circulista,
do meu campinho de pelada,
que dava pros fundos do meu quintal,
onde driblei tal qual Garrincha e
fiz mais gols que Pelé;**

**Aribé, se quiser,
dos meus primeiros anos,
dos cinemas Vera Cruz, Plaza e Bonfim,
das padarias de seu Amarante, Santa Rita,
Santo Antônio e a da feirinha da rua Goiás,
da barbearia de seu Moura,
das oficinas de Torquato e Tavares,
da farmácia de seu Oliveira,
da marcenaria de seu Manoel,
do grande José Augusto cantor,
da carpintaria São Jorge, de seu Estael,
do Bar dos Estudantes, de seu Agnaldo,
da lanchonete de seu Netinho e dona Valdete,
do distrito policial da rua Amazonas,
de Lau investigador,
das casas de tolerância,
do João Hora, campo do Sergipe,**


**da saboaria de seu Reinaldo,
da Transvemasa e do Jacques Motel,
do G. Barbosa que ali já estava,
da Cooperativa Sergipana de Laticínios,
da Fábrica de Cimento com sua poluição,
do famoso Hilton Lopes, o Bizu,
dos armarinhos de seu Antônio, dona Dulce
e dona Maria,
do Cantinho da Japonesa, de Justino das Bicicletas,
das bodegas de seu Antônio, seu Arlindo,
Nagem e Eurides, de Tonho Ventinha,
das farmácias de seu Moura e seu Oliveira,
das Funerárias Salmeron e Santa Teresinha,
do Centro de Desidratação,
do centro espírita Irmão Fêgo,
de dona Gilda parteira,
da lavanderia da rua Paraíba,
do Sete Portas e dos botequins,
da Biblioteca Clodomir Silva,
dos colégios Walter Franco, Senhor do Bonfim,
Cristo Rei, Dom Fernando Gomes, Rotary,
Getúlio Vargas, Costa e Silva, General Siqueira,
Jardim da Infância, do Rodrigues Dórea,
da escola de dona Eulina, do Educandário Santo
Euzébio,
de dona Leonor, quem primeiro me ensinou.**

Aribé dos meus primeiros anos...

**Fotografar é contemplar, é estar-se feliz.
É instrumento de formatação e criação de imagens.
É ferramenta de arte.
Fotografar é revelar, numa só dimensão,
contrastes, harmonias, perspectivas.
É enxergar o não percebido.
Fotografar é significar a luz e a sombra
quando estão em cópula.
É apreender um ínfimo instante e fazê-lo eterno.
É um acenar saudoso para algo que
vai se transformar, mudar de feição, lugar,
ou deixar de existir.**



**Carne avessa, devassa,
de cheiro humano,
livro sábio, magnânimo,
onde eu mergulho insano
para ser divino e ter ânimo.
Sou seu escravo, diva flor,
um outro contrário da dor.**




**De ilusão em ilusão, a vida passa em vão.
Em vão seria a vida se não fosse a ilusão.**

**Estar preso aos meus
é a liberdade que Deus me deu,
o cárcere dos meus livres voos.**


**Minha liberdade
é sentir-me propriedade dos que me amam,
é ser um ser humano olhando pro ser humano,
um viajador mental dos quatro cantos.**

**Minha liberdade:
é a contemplação, minha fiel amiga;
é andar pelos caminhos conhecidos,
buscar soluções pelas vias consensuais,
achar natural as coisas que acontecem,
ter senso de humor e saber do ódio e do amor.
É este o espaço permitido às minhas asas,
moldura fora da qual eu nada sou.**

**A criança, dela já ouviu falar,
sabe apenas que ela faz gente virar
estrelinha no céu,
não sabe bem se com ela um dia vai se encontrar.
O jovem, sabe que um dia com ela vai estar,
tem medo dela que se pela,
mas confia que o encontro com ela demorará;
crer que ela vive num país distante,
sequer o nome o jovem sabe qual é;
não pensa nela todo dia.
O adulto, que também tem medo dela,
até já lhe disseram onde ela mora,
justamente no seu país, no seu estado;
começa a pensar nela quase diariamente.
O idoso, sabe muito bem que ela
reside no seu bairro,
na sua rua; quando em vez,
passa na frente da casa dela;
inclusive conhece gente que já esteve com ela,
as quais lhe disseram não ser ela
esse mal que dizem dela.
O muito velho é vizinho dela e
com ela conversa todo dia;
são amigos, às vezes íntimos,
e desconfia que ela é Deus de costas pra gente.
Atualmente, ela tem vivido
perto de todas as idades.**



**Religiões, respeito-as,
mas elas não me interessam.
Deus e o eterno me interessam.**



**Ele ronca, sofre, abusa,
e apesar da estrada curta
e dos carniceiros negros
que rondam suas forças,
decola, sobe imponente,
chega às nuvens,
faz curva sensual,
deixa-nos.
O céu é sua sina.**


**Eis o pesadelo que nos toma agora, acordados;
que faz a morte veranejar em nossos pensamentos,
ceifar a gente, mais das vezes verdes.**

Não convida, a covid!


**Somos frutos da frondosa vida,
árvore de quem temos o sentido,
lugar onde queremos para sempre estar.**

**Se um dia, que espero logo chegar,
nos livrarmos desse sonho mau,
por certo olharemos menos pra Marte,
menos ainda pra Órion ou Sirius,
e buscaremos mais e melhor
as bactérias e vírus.**

**Não gostas de mim,
Atchim.**
**Incomodo-te assim e assim.
Atchim.**
**O que faço ou não faço,
Tu não dizes nem não nem sim.
Atchim.**
**Tu me achas um ser ruim.
Atchim.**
**Desejas inclusive o meu fim.
Atchim.**



**Além da queda, o coice;
da “volante”, a degola;
do “carona”, o corona;
da pandemia, o pandemônio.
Além da pobreza, da ignorância,
a discriminação, o racismo,
a violência, a ganância.
Até quando a dor e o sofrimento
farão deste país acampamento?**



**Estar aqui, na vida, é o único lugar.
A esperança de um além,
com sangue e coração,
é um inseto verde.
Estar aqui, na vida, é o grande imperativo,
hipotético e categórico.**

**Não começo Lampião por Lampião,
mas pelo sertão daquele tempo e chão vãos,
largos, largados, vazios, adustos, quentes;
de índios corridos da arma dos brancos,
de vaqueiros brutos, anônimos, destemidos,
hinterland esquecido, sedento e faminto;
mundo resignado, manso e violento;
terra de feudos, de senhores de mão de aço,
de vassallos, de submissos,
de escravos disfarçados;
mundo árido de justiça, de famílias em rixas,
de desvirtuada política social,
de desatenta religião,
nascido de homens de cangaço.
Não começo Lampião por Lampião,
mas pelos milhares de crianças, juvenis,
que ali não vieram para ser feliz,
nem seus jovens, para sonhar.
Começo pelo interior do Brasil,
abandonado, por isso hostil.
Não começo Lampião por Lampião,
sem antes saber de Cabeleira,
Calandro, Lucas da Feira,
Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino,
vendo-me nos seus tempos e lugares,
nos seus motivos e nas suas circunstâncias.
Não começo Lampião por Lampião,
mas pelos gritos que do sertão já se ouviam,**

**gritos do desequilíbrio social,
da insuportável dor sentida,
dos muitos lamentos, dos ais de uma gente sofrida.**

**Não começo Lampião por Lampião,
mas pelas estradas tortuosas, esburacadas,
sem pontes e acostamentos,
caminhos de perdição, as vias de Lampião,
para deduzir que sua saga, seu brado,
seu modo de ser desrespeitoso, violador, incivil,
sanguinário, mais das vezes cruel e vil,
que o fez ser a grande expressão do cangaço,
Este banditismo que não nasceu em vão,
mas para o Nordeste dizer “eu existo” à nação.**

Faz tempo que não abraço,
subindo em seus braços,
minha amiga goiabeira,
da minha infância primeira!
Sinto saudade do seu fruto,
em baixo, tocável, ou no alto,
me chamando, provocando:
goiabas verdes, amarelas, de
popas rosadas, vermelhas, brancas,
de abundantes caroços, suas divinas sementes;
goiabas que até dos bichinhos que nelas moravam,
muitos eu comi quando elas eu comia.
Sinto saudade de suas folhas,
minha amiga goiabeira,
verdes, semiúmidas, cheirosas;
até das folhas secas, espalhadas pelo chão,
que sobre as quais eu pisava,
estalando-as, produzindo o som,
apanhando goiabas caídas, eu sinto saudade.
Goiabeira da minha infância,
que me amparava, me balançava, sorridente;
e que eu, mais das vezes,
a fazia cansar, chorar, sentir dor.
Saudade tenho de sua pele fina, marrom,
largando-se do seu corpo,
bem como, de suas mimosas solitárias flores,
que chegavam com a primavera;
dos ninhos de sebinho, que era o que eu mais via, bulia,
dos micos, dos outros passarinhos, insetos comigo.
Comer suas goiabas entrelaçado em seus galhos e ramos,
descobrimo o sabor dos cheiros, dos gostos e das texturas,
Admirando o entorno, o todo, a natureza,
era um aprender em liberdade,
minha árvore professora.

**Ah, sinto saudade também do seu doce batido,
feito por minha tia Jair e pela empregada Maria,
no velho tacho de bronze da casa de minha avó,
no fogão de lenha que lá existia,
na rua de Laranjeiras, 1459, da minha Aracaju,
o endereço da minha amiga goiabeira,
que aqui homenageio, e aqui muito agradeço.**

**Lampião cujo nome é Virgulino,
e Manoel que se chamou Antonio Silvino,
fizeram história no sertão nordestino.**

**Seus nomes terminam em “ino”,
Que rima com libertino, ferino, assassino.**

Os dois foram reis do cangaço.


**Quis porque quis o destino
suas mortes num 28 de julho,
Virgulino em 1938 e em 44 Silvino.**

**Um teve morte matada,
Num coito, com muito barulho,
O outro teve morte morrida,
Num canto que fez de regaço.
Os dois foram reis do cangaço.**


**Que falta nos faz nestes dias
de nossos corações aflitos, em desespero,
com medo, em pandemia;
do vírus corona contra nossa respiração,
logo no conduto que nos vincula à vida,
à paixão, ao prazer, a ser deus -
um Olavo Bilac, um Castro Alves,
um Drumont, um Gonçalves Dias.
Tão bom seria eles agora a nos consolar,
a trazer esperanças, curas cantar,
a nos elevar em poemas, a nos inspirar;
levar a gente às alturas, com Deus até conversar,
dizer desta nossa nova dor,
do jeito mais lindo versar
sobre este nosso novo ais.**

**Obra colorida,
esculpida, pintada,
obra do pai da Vida,
das energias eternas,
Homo Sapiens
é seu nome e sobrenome.
É barro que fala, pensa, ri, chora,
caminha, corre, faz poesia,
animal que cria, recria, constrói, destrói;
é pirilampo fazendo luz,
pintando o sete,
é beija-flor entre as pétalas
fazendo arte;
percorredor de estradas mil é o homem.
É breve o seu estar,
logo se esvai, desfalece, morre, transforma-se,
seu fôlego volta para o Criador,
sua marca faz morada
na mente de quem aqui ficou.**

**Escreva, em prosa, em verso,
faça cartas, bilhetes que seja,
períodos, frases, ainda que curtas,
soltas, mas suas,
exclusivamente suas,
extraídas do âmago do seu interior,
do universo que Deus lhe deu.
Expresse-se com palavras,
ponha o preto no branco,
de qualquer jeito, do jeito que for,
contanto que mel não seja fel.
Pois, quando escrevemos,
dizemos quem somos,
o que temos, o que achamos, desejamos.
O que de momento falamos,
nas nossas constantes
e afetadas interações,
o vento leva, o tempo apaga.
Diga com lápis e papel, ou
digite no computador,
os seus pensamentos;
para que eu te veja, me veja,
te ausculte, conheça-te.**




**Na pandemia do vírus do inconformismo,
da revolta, da irresignação,
vive a alma de quem faz poesia;
condição de ser, sina contra a qual
não há remédio, não há vacina.**




**Na vida, alguns nascem para mandar,
para controlar, comandar, ditar.
Em Sergipe, destaco um nome,
Augusto Maynard Gomes.**


**Foi um dos revoltosos de Fausto Cardoso,
do poder, tentou tirar Graccho, também Cardoso,
liderou o morticínio de Pau de Colher, na Bahia,
de Getúlio ganhou por duas vezes a Interventoria.**




**Entre o altar e o fiel, a grade.
Entre a Cruz e o genuflexo, a grade.
Entre o fiel e Deus, a oração.
Entre eu e o fiel, a câmara fotográfica.**



**O mais difícil ao morrer
é despedir-se de si mesmo.**




**Quatro coisas de valor:
Amor, arte, morte e dor.**



**Nestes dias invernais,
dias de agosto,
o sol poente visita a rua da minha infância.
Só assim, cansado e dormente,
vejo como o sol se parece com a gente.**

**Rio São Francisco, meu venerável Velho Chico,
meu elemento, traço da minha identidade nordestina.
Dos nascidos no Brasil, você é o mais extenso.
Quinhentas cidades assentam-se em suas margens.
Os famosos rios Das Velhas e Pajeú lhe devem tributos.
Na Canastra, serra das Minas Gerais, você nasce;
a extensa Bahia, você como um sertanejo forte, trilha todinha;
banha terras de Pernambuco e
separa meu Sergipe das Alagoas,
onde entre um e outro você termina.
Menções a seu respeito, estas que faço aqui,
é para homenageá-lo, grande rio,
salvá-lo com efusivas palmas,
inclusive e sobretudo em agradecimento,
pelas águas que generosamente você
sacia Aracaju.
Saiba, meu glorioso rio São Francisco,
que um dia foi também Dos Currais,
o quanto me sinto agraciado,
agradecido, emocionalmente rico,
quando estou lhe apreciando das balaustradas.
Hoje, mesmo, dia ensolarado, calmo, bom,
de passagem pela histórica povoação Escurial,
da sergipana Nossa Senhora de Lourdes,
contemplei seu curso por alguns instantes,
deliciei-me com suas águas plácidas,
descendo calmas, levando galhos e plantinhas,
águas ainda doces por aqui.**

**Ontem eu sonhei que estava
na Aracaju dos anos 30.
Impressionou-me
O ar puro, o pouco barulho,
O não tão colorido das coisas,
O pequeno número de mulheres nas ruas,
Elas em vestidos longos, muito tecido.
Homens, de chapéu e cavanhaque,
Camisas brancas, mangas compridas.
Gente folheando jornal, revistas,
pouco carro, mercado sujo, Palácio,
Estátua de Olímpio, de Fausto.
Quase não vi obesos.
O rio me pareceu mais largo,
Mais cheio, mais limpo, mais bonito.
Admirei a Ponte que recebeu D. Pedro.
Dei um salto no Ministério do Trabalho,
Para conhecer colegas do passado.**



**Fotografar é contemplar,
é perpetuar instantes
que logo não vão mais estar,
porque deixam de existir,
ou mudam de lugar, de feição.
Fotografar é terapia
para o corpo e a mente.
É vício saudável, barato,
é o cérebro descansando dos muitos pensamentos.
Fotografar é ser feliz.**

**Lembro do tempo em que eu me sentia imortal;
que, deixar a existência era destino dos outros...**

Sim, eterna me parecia a vida.

**Até eu alcançar a idade em que a Parca,
inevitavelmente, faz-nos dela lembrar,
refletir o que é não mais estar aqui;
isso depois das cinquenta voltas que
dei em torno do sol.**

**Hoje, habitando a casa dos 60 anos,
vejo a senhora Morte
desligando vidas aos montões,
como um buraco negro sugador de
sonhos, desejos, memórias, emoções;
quebrando mentes e corações dos que perdem.**

**O que ela faz sem pena,
com um cutelo novo que absurdamente lhe demos:
o vírus em status de pandemia.**

**Catorze de fevereiro de 2021.
O bem-te-vi em seu canto diz
são 5 e vinte e seis da manhã;
foi-se uma noite que pouco dormi.
Nesta hora, de uma cama lateral,
observo meu pai gradualmente morrendo,
de velhice.**

**Meu pensamento preponderante desde ontem,
está num filho que sofre por não saber,
não poder, não querer, por ainda amá-la,
livrar-se da mulher que lhe faz sofrer...**

**Dinheiro escasso no bolso,
despesas muitas, outro perene pensar.
Sem falar da pandemia, a espera pela vacina,
é lembrar do meu fim todo dia.
Tem um louco no poder apontando
armas e ignorâncias pra mim.
Minha lombar não se cansa de me pedir
para eu lhe respeitar.**

**A pandemia diz
do quanto de gente,
boa parte
aos montes nas ruas,
tem feito pouco ou
nenhum caso dela,
da Covid,
a novel amiga da Morte.
São humanos que,
exaustos das prisões
sobre prisões; das muitas algemas que lhes prendem,
consciente ou inconscientemente,
já desistiram de existir;
falseiam estarem na vida.
Usam presentemente a onipresente e letal doença
para clamar, silentes,
ou declarando alto ser mentira o vírus corona,
pelo término das suas existências.**

**No tempo que um dia chegará,
o Homem em Marte pisará.
Talvez eu não esteja mais por aqui,
para chorar, sorrir, ufanar-me, aplaudir,
como fiz, menino, na sua chegada a Lua.
No “planeta vermelho” o ser humano vai estar,
pulos e cambalhotas nas vastidões
marcianas vai dar.
De um fato, todavia,
extraordinário para nossos dias,
que até me fez imaginar o homo sapiens
já andando por lá,
acontecimento que,
embora por tantos despercebido,
muito me comoveu;
porque sei que é página da história humana,
escrita na superfície do astro irmão;
momento que será visto como
um dos seus mais altos saltos na conquista do espaço
interplanetário:
a Perseverance marterrissar.**

**De nada além da vida espero,
Pois sou em si a vida em mim.
Sou ela em seu melhor esmero,
Carne em respiro, sabida,
Doce como sapoti,
Azedo como limão,
Que sabe que é fruto de árvore,
Que tem começo, caminho e fim.
Sou parte de uma essência
Da qual nada sabemos,
Nem do cheiro nem da cor.
De resto, como indivíduo,
nada além de mim sou.
De nada além da vida espero, e
Das minhas esperanças duvido.**

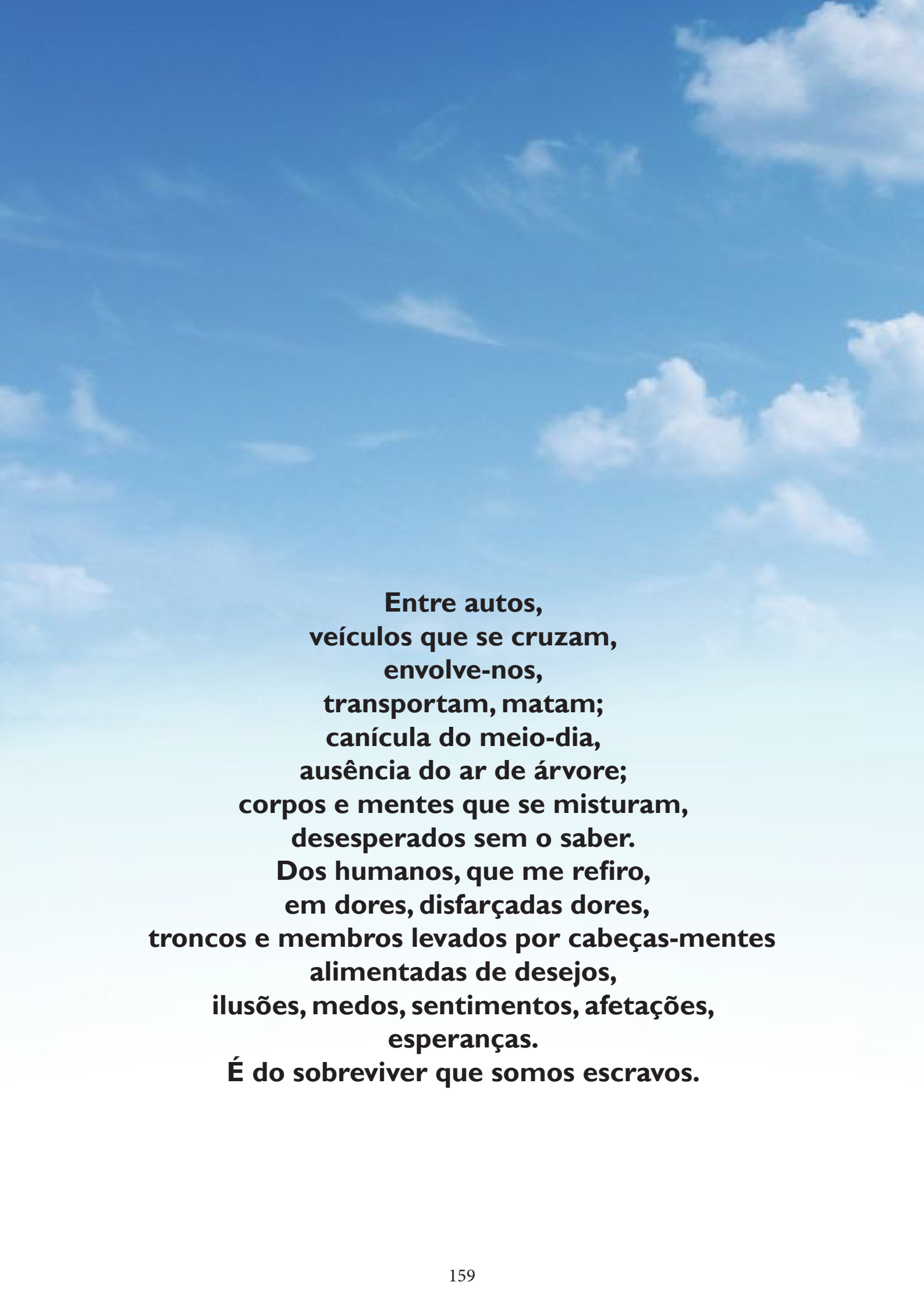
**Sergipe, o rio São Francisco lhe beija...
Aqui, na sua margem, ele mostra as suas partes mais belas,
suas ilhas, ilhotas, seus gostos e gestos, seus meandros mil.**

**Rio São Francisco, Sergipe lhe venera;
Basta ver as terras daqui que adotam o seu nome:
Canindé do São Francisco, Amparo do São Francisco,
Santana do São Francisco e São Francisco.**

**No seu baixo leito, mais largo o rio se despede.
Propriá indaga-lhe chorosa: - Por que se vai?
Ilha das Flores e Neópolis, já saudosas,
Veem-se ficando pra trás.
Brejo Grande, chorando, brande:
Vá, vá, meu rio, vá terminar no mar!**

**Nesta manhã de julho,
Pelas bandas do Betume,
Na estrada que vai com o sofrido rio,
Observo de uma beirada nua,
Suas águas menos do que se via.
Chego a vê-lo olhando-me por dentro,
Vestido de azul saindo do claro, lindo.
Como que a me dizer estar em dor;
Apesar de me acenar sorrindo.**

**Viver é insistir em não morrer,
É curtir a dor não sentida,
De todos os dias, de todas as noites;
Dor que ainda que a vida já se faça longa,
Não é aferida, embora mais dolorida.
É a dor que escondemos
Sob o manto dos atos da vida,
Sob os lençóis da esperança e da fé.
Vê-se que não me refiro aqui a outra dor
Senão a da espera pelo derradeiro dia,
Pelo instante de nos despedirmos de nós mesmos,
De objetivamente deixarmos de existir.**



**Entre autos,
veículos que se cruzam,
envolve-nos,
transportam, matam;
canícula do meio-dia,
ausência do ar de árvore;
corpos e mentes que se misturam,
desesperados sem o saber.
Dos humanos, que me refiro,
em dores, disfarçadas dores,
troncos e membros levados por cabeças-mentes
alimentadas de desejos,
ilusões, medos, sentimentos, afetações,
esperanças.
É do sobreviver que somos escravos.**

**O que sou
além de uma construção ...
de um buscar em vão a consciência pura, de
um procurar inútil por verdades e essências?
o que sou
além do que não me vejo em nenhuma coisa?
um corpo que se arrasta e que e que se quer entre os outros?
o que sou
além de uma estrutura sistêmica,
funcionalmente plena,
vassala de um comando chamado cérebro,
lar da memória,
residência da mente?
o que sou além do olhar dos que me veem,
olhar que me dizem o que jamais saberei?
o que sou além das calçadas que pisei,
das estradas que percorri,
das pontes que atravessei,
das comidas que comi, das águas que bebi,
das camas que deitei,
dos sonos que dormi?
o que sou além do que não serei?**

**Quantos cantos de galos nas madrugadas
meus ouvidos ainda escutarão?
Vida que nos usa à exaustão.
Ouço grilos, ruidos do freezer,
Do ar-condicionado, do blues que botei pra durante a noite
tocar...
Uníssonos cantos,
Sons que reclamam ao silêncio,
dizem-nos que ainda estamos.
Só não me chegam da existência os seus sentidos, que um dia
me disseram termos que a cada instante inventar.
Assistir meus pais trilharem as estreitas e
esburacadas estradas dos seus inescapáveis poentes tem sido
um dos meus atuais sentidos.**

**De carro, nas estradas,
Não me canso de ver o campo passando por mim,
Às vezes lento, rápido, às vezes desembestado,
Cheio de sol, ou nublado, ou com chuva lhe molhando,
Neblina lhe cobrindo nas frias madrugadas.
A zona rural é uma aquarela.
Não me farto de vê-la passando por mim.
Mata, caatinga, plantações,
O sol em alvorecer, ou no seu ocaso,
Rodagens, cercas, açudes, rios,
Lagoas, cancelas, currais,
morros, planícies, serras.
Garças, carcarás, pássaros, jaçanãs,
Vaqueiros, cerqueiros, plantadores,
Moradas de rico, casas de pobres,
Roupas me acenando dos varais,
Povoados na beira das estradas,
Não me canso de vê-los.
Não me canso de ver o ser humano do campo,
Que passa por mim aos milhares.
Humildade e Resignação são os seus nomes.
Não me canso de ver o campo.**

Aracaju,
meu berço querido, intransponível fortaleza,
eu sei onde estão seus cajus, mangas, mangabas,
seus cocos, caranguejos, siris,
sei onde estão suas ruas, praças, becos, largos, avenidas,
sei dos lugares que eu nunca vi,
que dirá das partes que eu mais vivi,
sei de suas artes, manhas, artimanhas,
de suas entradas e saídas,
de suas partes não tão lindas,
sei de suas faces belas.

QUANDO se é essencialmente cristão,
anda-se livre, sem amarras:
nas mãos, nos pés, na mente, no coração;
em estradas sem sinais,
sem placas, semáforos,
sem policiamento, porquanto desnecessário.
Por estradas de pássaros andam os que são bons.
Voam sobre pontes e sob túneis de ventos
os nascidos para o bem.

**Converso,
Faço versos,
Falo comigo,
Com Deus
(que sou eu sem
O d inicial e o s no final).
Sou vida,
Idas, estadas, vindas.
Converso,
Faço versos,
Falo comigo,
Choro, canto, rio,
Imanência,
Substância sou,
Essência,
Casa da dor,
Cultor do amor,
Da indiferença,
Do ódio.
Sou sonho e desejo,
Alimento do tempo.
Busco motes,
Sentidos, motivos,
Mais que um norte,
fujo da morte.**

**Vida humana, essência que, inesperadamente,
num átimo, vindo do além, nos chega, nos faz.
Com o passar do tempo, a percebemos em nós.
Vida humana, que brota como a relva do campo,
como a água limpa e fresca do manancial.
Em solo fértil e infértil a vida humana emana.
Uma vez impregnada em nós,
ela nos encaminha,
nos conduz por suas estradas,
nos leva aonde quer,
nos traz quando bem quer,
nos ilude, nos engana, nos faz rir, chorar,
sofrer, refletir, gozar.
Num certo instante, sem nos avisar,
nos deixa pra lá.
É quando sabemos
se nossa consciência se mantém íntegra,
ou se com o corpo morto ela também se desfaz?**

**Estás em todo canto,
Gentil bem-te-vi,
Nas cidades, nos campos.
És, sem dúvida, o pássaro mais famoso do Brasil.
Ave esperta, destemida,
Não afeita à reclusão da gaiola,
Estás sempre feliz,
Pois és livre.
Com seu sonoro canto,
Nos avisa que a aurora chegou,
Que o sol despertou.
Bem-te-vi, bem-te-vi,
Ontem eu te vi olhando pra mim.**

**O que dizer sobre a Luz
Enquanto no escuro em que estamos?
A Luz que a cada dia perdemos.
Dizer dos seus sentidos, Significados.
Dizer o quê sobre a Luz,
Quando muitos insistem dizer ser a Luz o escuro em que es-
tamos?
Lampejos de luz neste escuro
Enxergo no exercício crítico de alguns poucos vagalumes hu-
manos,
De saciar a sede,
De aplacar a fome de
Quantos no quarto escuro do escuro estão.**



